

# CÂNDIDO

JORNAL DA BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ

BIBLIOTECA  
PÚBLICA  
DO PARANÁ

16

NOVEMBRO 2012

[www.candido.bpp.pr.gov.br](http://www.candido.bpp.pr.gov.br)

Rafael Anton

## A reinvenção da cidade

Mais do que um cenário, o espaço urbano é matéria-prima para que escritores discutam os impasses e rumos do mundo contemporâneo



## EDITORIAL

Quem nunca esteve em São Petersburgo, mas já passou pela obra de Fiódor Dostoiévski, certamente guarda na memória uma cidade particular, consagrada pela literatura do gênio russo. Fria, opressiva, existencialista, não importa a marca, o fato é que Dostoiévski recriou a antiga capital do império russo em romances antológicos como *Memórias do subsolo* e *Crime e castigo*. Como o autor de *Os irmãos Karamazov*, vários escritores tiveram nos centros urbanos um mote importante para compor suas obras, seja como pano de fundo ou inspiração.

Esta edição do **Cândido** busca discutir de que forma a cidade interferiu na ficção de grandes escritores, da literatura brasileira e estrangeira. O resultado desta investigação se apresenta em um especial, em que escritores e especialistas tentam delimitar quando, e de que forma, as cidades passaram a ser representadas com expressividade na literatura.

A edição ainda traz o filósofo e escritor Luiz Felipe Pondé, autor do *best-seller Guia politicamente incorreto da filosofia*, que revela suas principais influências literárias na seção “Perfil do Leitor”. A pedido do **Cândido**, o escritor Luiz Bras conversou com André Carneiro, um dos precursores da literatura de ficção científica no Brasil e que há mais de uma década vive em Curitiba. Carneiro revê a própria carreira e fala sobre sua extensa produção artística, que deixou marcas indelévels na fotografia, poesia e pintura.

Entre os inéditos, Deonísio da Silva surge com o conto “Rua Quinze de Novembro, sem número”, e o poeta Glauco Mattoso publica o poema “Cada malaco no seu malho [5554]”. Já o músico Oneide Dee Diedrich faz sua estreia na literatura com o conto “Os (M) eus tolos argumentos”.

Boa leitura.

## CARTUM

NILSON SAMPAIO



## CARTAS

Os meus parabéns pela linda edição do jornal **Cândido** sobre a obra de Helena Kolody. Os textos ficaram excelentes.

**Antonio Donizeti da Cruz** - Marechal Cândido Rondon/Paraná.



Conheci o jornal **Cândido** através de um amigo que mora em Curitiba, gostei muito do conteúdo e gostaria que continuar a ler os próximos números. Só que morro em São Paulo. Tem como recebê-los em casa? Sei que tem a versão *online*, mas é que não me sinto bem lendo na tela. A versão impressa é muito melhor. Muito obrigado e aguardo resposta com ansiedade...

**Eduardo Donizeti Silva** – São Paulo/SP

## EXPEDIENTE

## CÂNDIDO

**Cândido** é uma publicação mensal da Biblioteca Pública do Paraná



Governador do Estado do Paraná: Beto Richa  
 Secretário de Estado da Cultura: Paulino Viapiana  
 Diretor da Biblioteca Pública do Paraná: Rogério Pereira  
 Presidente da Associação dos Amigos da BPP: Gerson Gross

## Coordenação Editorial:

Rogério Pereira e Luiz Rebinski Junior

## Redação:

Camila Feiler, Fernanda Rodrigues, Felipe Kryminice, Lucas Rufino, Márcio Renato dos Santos, Omar Godoy e Tatjana Garcia.

## Fotografia:

Kraw Penas

## Projeto gráfico e diagramação:

Versão Design

## Colaboradores desta edição:

Alexandre Zampier, Deonísio da Silva, Glauco Mattoso, Léo Gibran, Luiz Bras, Mayla, Maria Antonieta Pereira, Marciel Conrado, Nilson Sampaio, Oneide Dee Diedrich, Rafael Antón, Renan Machado, Renato Faccini e Rogério Coelho.

## Contato:

imprensa@bpp.pr.gov.br – (41) 3221-4974  
 www.candido.bpp.pr.gov.br / www.bpp.pr.gov.br

## BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ

Rua Cândido Lopes, 133 | CEP: 80020-901 | Curitiba – PR | Horário de funcionamento: segunda a sexta: 8h30 às 20h | Sábado: 8h30 às 13h  
 Contato: (41) 3221-4900

Todos os textos são de responsabilidade exclusiva do autor e não expressam a opinião do jornal.

## BIBLIOTECA AFETIVA

*Os verbos auxiliares do coração*, de Péter Esterházy, é um livro no qual o autor nos sensibiliza e quase nos desespera descrevendo de forma singular o definhamento e perda da própria mãe. Uma história arrebatadora, em que perdi o fôlego várias vezes e fiquei perplexa com algumas citações e trechos profundamente entorpecentes, como este: “O tempo é uma bela mulher branca, cansada. Veja, estou aberta, feito uma ferida, estou me lamentando, gemendo. (...)

Tão doce, que a qualquer momento poderia me apaixonar.” Por várias vezes fechei esse livro, deixei-o por último na minha pilha de cabeceira, por várias vezes perdi a coragem de encarar um fato que todos vamos ter de enfrentar um dia, ou numa terrível noite.

**Maureen Miranda** é atriz, diretora de teatro e artista plástica. Está à frente do Atelier Aberto, coordena a Cia de teatro Clepsidra e integra a Sutil Companhia, dirigida por Felipe Hirsch. Vai inaugurar a mostra *Os 22 arcanos do tarô* no dia 27 de novembro, no Quintana Café, em Curitiba. Vive entre São Paulo e Curitiba.



Divulgação

Tínhamos uma coleção da Abril em casa, e aqueles livros vermelhos me causavam algum tipo de inquietação. Não sabia direito onde estava me metendo, mas depois de emprestar muitas obras infantis na biblioteca da escola — *A casa da madrinha*, um livro de capa azul da Lygia Bojunga Nunes, foi marcante —, atendi à inquietação e encarei Dostoiévski, Guy de Maupassant e Oscar Wilde, isso com uns 12 anos. A roda gigante começou a girar. Dos grandes e inescapáveis, cito como afetivos *O Jogo da amarelinha*, do Julio Cortázar, *O ateneu*, do Raul Pompéia, e *Cem anos de solidão*, do Gabo. Dos pequenos e inesquecíveis: *Livro*, do José Luís Peixoto, e *O diário da queda*, do Michel Laub. E assim giro.

**Cristiano Castilho** é jornalista, editor do caderno “Gaz+”, da *Gazeta do Povo*, colunista do “Caderno G”, do mesmo jornal, e autor do *blog* musical “Pista 1”. Vive em Curitiba (PR).



Divulgação

Cuiabá, um milhão de graus. O calor distorcia o caminho e os mosquitos me devoravam. Nada pra fazer, lugar algum para ir, pedi para que me levassem em um sebo. Era na Rua Antonio Maria. Passei entre os títulos furrecas sem me interessar por nada, até ver aquela lombada sem o nome do autor: *Sangue sem dono*. Vermelho e preto. Carmen da Silva, uma gaúcha que fugiu para o Uruguai para depois retornar ao Brasil e ajudar as mulheres a serem protagonistas de suas próprias vidas.

Gaúcha estugada, texto forte, uma voz incrível. Seis reais em um sebo, sem pechinchas. Primeira escritora por quem me apaixonei. Carmen era livre. Livre como ainda hoje poucas conseguem ser. Editoras, por favor, republiquem a Carmen, ela deveria poder ser lida por todos.

**Clara Averbuck** é escritora. Neste mês de novembro, relança todos os seus livros pela editora 7Letras, entre eles *Máquina de pinball* e *Vida de gato*. Também prepara a coletânea de contos *Cidade grande no escuro* e o romance *Eu quero ser eu*. Vive em São Paulo (SP).



Divulgação

*O pequeno príncipe*, de Antoine de Saint-Exupéry, foi a obra mais importante que eu li. Além de ser um dos primeiros livros que tive contato, o que mais marcou foi o fato de ele se revelar diferente a cada nova leitura. Tive a oportunidade de ler em diferentes fases da minha vida e, a cada vez, ele apresentou um significado novo. Conhecendo a história, foi possível ver a importância de viver em união com a família, respeitar as circunstâncias da vida e entender que as coisas boas acontecem no tempo certo.

**Noerli Cândido Cordeiro** é funcionário da Seção Múltiplos da BPP. Vive em Curitiba (PR)

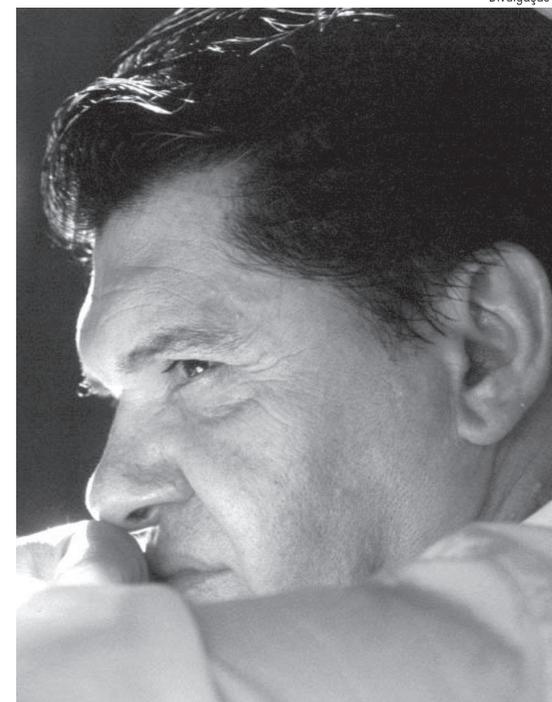


Divulgação

## CURTAS DA BPP

### Tabajara Ruas ministra oficina de roteiro de cinema

Um dos principais escritores gaúchos, Tabajara Ruas vai ministrar a próxima Oficina BPP de Criação Literária, que acontece das entre 26 e 29 de novembro e será dedicada ao roteiro cinematográfico. A oficina é gratuita e, para se inscrever, é necessário enviar um texto de ficção de até duas laudas para o e-mail [oficina@bpp.pr.gov.br](mailto:oficina@bpp.pr.gov.br). O escritor selecionará 20 pessoas. Nascido em Uruguiana, Tabajara está ligado à produção cinematográfica desde 1978, tendo exercido nessa área várias funções, desde a de roteirista até a de diretor. Entre 1971 e 1981, morou no Uruguai, Chile, Argentina, Dinamarca (onde estudou cinema e arquitetura) e Portugal. Durante o exílio, Tabajara escreveu *A região submersa*, seu romance de estreia, que foi publicado primeiramente na Dinamarca e em Portugal.



Divulgação

### Oficina de “Cartaz” com Ricardo Humberto

O ilustrador Ricardo Humberto fará a última Oficina BPP de Ilustração de 2012. Humberto ministra oficina de “Cartaz” entre 21 e 23 de novembro. Os interessados devem enviar uma ilustração, sobre qualquer tema, em 72 dpi, para o e-mail [oficina@bpp.pr.gov.br](mailto:oficina@bpp.pr.gov.br). As inscrições são gratuitas e vão até 16 de novembro. Ricardo Humberto é cartunista e publica ilustrações no jornal *Gazeta do Povo*. Esta é a quarta Oficina de Ilustração realizada neste ano. Já passaram pela BPP os artistas André Dahmer (Cartum) Allan Sieber (Roteiro para Quadrinhos), Rafael Campos Rocha (Ilustração Editorial) e Benett (Tiras).

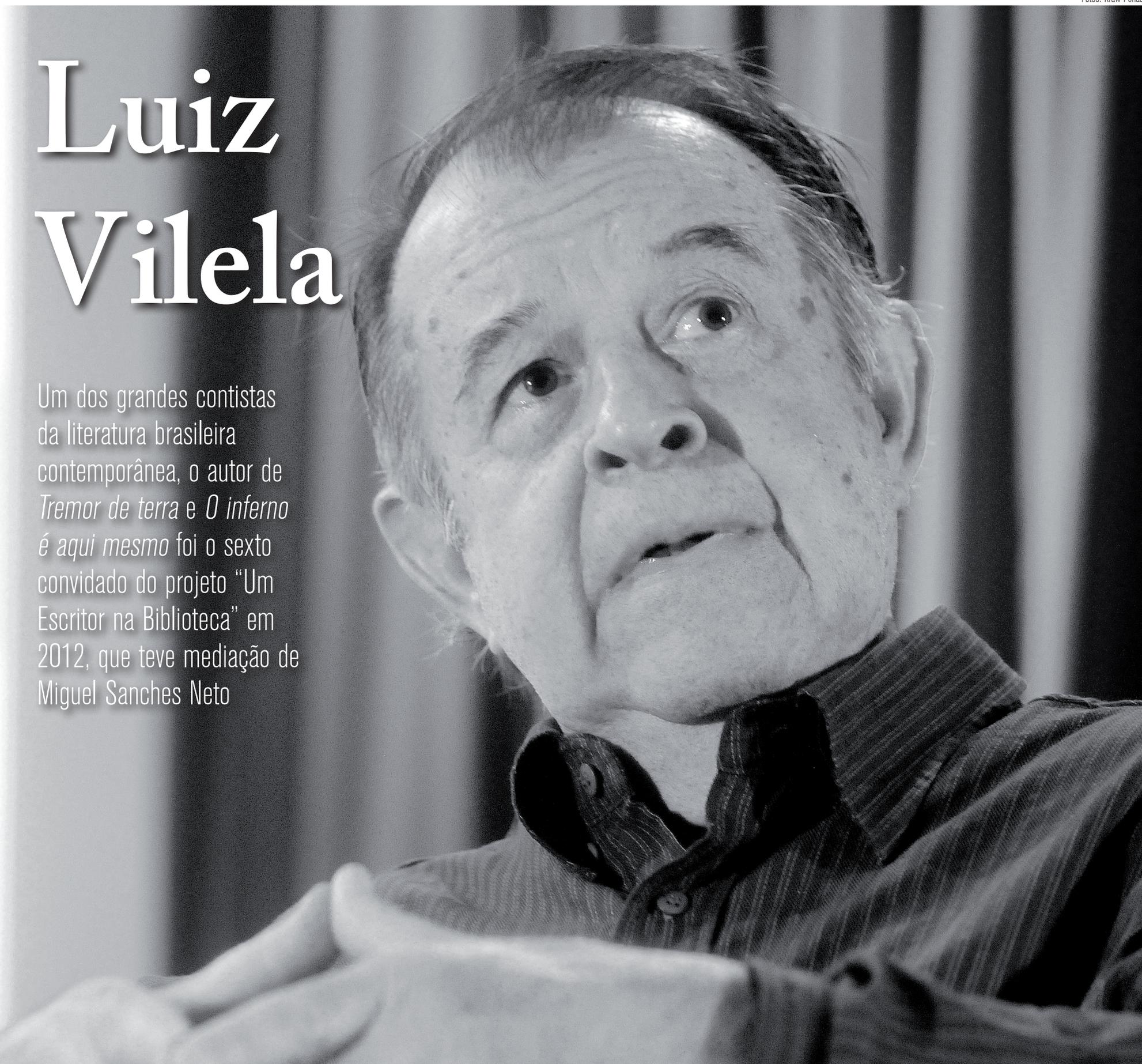
### Eliane Brum participa do projeto “Um Escritor na Fronteira”

A premiada jornalista Eliane Brum é a quarta convidada do projeto “Um Escritor na Fronteira”, que até dezembro levará a Foz do Iguaçu cinco grandes nomes da literatura contemporânea para falar sobre suas obras, métodos de criação e hábitos de leitura em bate-papos mensais. Autora dos livros *Coluna Prestes – O avesso da lenda*, *A vida que ninguém vê* e *Olho da rua*, ela lançou em 2011 seu primeiro romance, *Uma duas*. Eliane também codirigiu dois documentários: *Uma história Severina* e *Gretchen filme estrada*. O encontro acontece em 21 de novembro, às 19h, na Fundação Cultural de Foz do Iguaçu. O projeto é uma realização da Associação dos Amigos da BPP, com patrocínio de Itaipu Binacional.



# Luiz Vilela

Um dos grandes contistas da literatura brasileira contemporânea, o autor de *Tremor de terra* e *O inferno é aqui mesmo* foi o sexto convidado do projeto "Um Escritor na Biblioteca" em 2012, que teve mediação de Miguel Sanches Neto



Luiz Vilela é um dos raros casos de escritor que já nasceu “pronto”. Já na estreia, aos 24 anos, com o livro de contos *Tremor de terra*, o escritor mineiro demonstrava um domínio literário pouco comum para estreates. Desde então, o autor só fez apurar o domínio técnico demonstrado nos primeiros livros, tornando-se reconhecidamente um mestre do diálogo. Além da arrebatadora estreia com *Tremor de terra*, coletâneas de histórias curtas como *No bar*, *O fim de tudo* e *A cabeça*, fizeram de Vilela um dos maiores contistas da literatura contemporânea. Também romancista, o mineiro é autor do controverso *O inferno é aqui mesmo*, sobre sua experiência como repórter no *Jornal da Tarde*, em São Paulo. No bate-papo mediado pelo também escritor Miguel Sanches Neto, Vilela falou sobre suas primeiras tentativas de fazer ficção, sua estreia aos 14 anos como contista em um jornal de sua cidade natal, Ituiutaba (MG), e de suas principais influências — Dalton Trevisan e Ernest Hemingway. Nascido em 1942, Vilela se formou em filosofia e integrou uma geração de escritores mineiros fantástica, que orbitava em torno da figura icônica de Murilo Rubião. Em Belo Horizonte, fundou a revista *Estória*. “Nessa época, surgiu o *Suplemento Literário de Minas Gerais*, que foi uma criação de Rubião. Frequentávamos sempre o *Suplemento*, convivíamos muito com escritores de gerações mais antigas”, disse o escritor, que também falou sobre o processo de escrita de seu mais recente romance, *Perdição*. “Comecei a escrever e fui me empolgando com o conto. E aí aquele conto foi crescendo. Então, comecei a estender, bem parecido com uma árvore: o galho virou aquela árvore frondosa de quase 400 páginas que é o livro.” Confira, a seguir, os melhores momentos do bate-papo.

### Bibliotecas

Essa [primeira] biblioteca, para a minha felicidade, eu tive em casa, porque tanto meu pai como minha mãe gostavam muito de ler e, além disso, eu e meus irmãos também gostávamos muito de ler. Todos tinham sua estante de livros. Minha vontade de ler era tanta que aprendi a ler sozinho. Quando entrei na escola, já sabia ler. Então, essa foi minha biblioteca. Bem variada, até mesmo porque cada uma dessas pessoas — mãe, pai, irmãos — tinha interesses particulares de leitura. Então, isso tudo para mim foi muito importante, porque desde de muito cedo tive contato com o mundo dos livros e com tudo que os livros significam, em tempo de formação, de prazer de ler. Mas, biblioteca no sentido de biblioteca fora de casa, só fui ter contato quando morei em Belo Horizonte. Lá, frequentava muito a Biblioteca Pública. Também havia uma biblioteca muito boa, da Universidade Federal de Minas Gerais [UFMG], que ficava fora da universidade. Mas, enfim, para resumir: onde houvesse livros, lá estava Luiz Vilela.

### Escrita

Foi uma coisa espontânea. Essa pergunta sempre ocorre [como você começou a escrever]. Costumo dizer que, depois de ler tantas histórias, as mais variadas, já adolescente, um belo dia me deu vontade de escrever as minhas histórias. É aquela coisa que não tem uma explicação muito lógica: se é tão gostoso ler, como será escrever? Claro que não me formulei essa pergunta, mas foi um pouco isso. Contaminado, digamos assim, por aquelas histórias, me deu vontade de escrever também. Isso aos 13 anos. Fiquei tão empolgado com aquilo, que continuei escrevendo, escrevendo e não parei nunca mais. Costumo dizer que não tirei férias da literatura dos 13 anos até agora, aos 69 anos. Nunca parei de escrever.

### Voz própria

E é claro que há todo um processo: você começa a escrever e comparar o que escreveu ao que leu. Se aquela história era tão boa, como será a minha? Daí você começa a perceber que não é tão boa, que falta isso, faltava aquilo, daí vem aquele aprendizado do escritor. É um processo que talvez ocorra com todo escritor, acho que com todo artista. No começo, tenta-se imitar os autores preferidos, você começa a escrever mais como eles. Depois, com o tempo, vai-se descobrindo sua própria voz. Mas, claro, esse processo é demorado.

### Primeiras histórias

Às vezes, penso comigo mesmo: por que comecei a escrever? Ligo isso também à questão da minha infância, porque eu brincava muito com uns bonequinhos. Acho que todo menino brincou com essas coisas. Mas, no meu caso, eu criava um mundo, fazia uma cidade, tentava reproduzir filmes que via no cinema da minha cidade. Lia pilhas de histórias em quadrinhos. Assim que a adolescência foi chegando, naturalmente fui deixando aqueles brinquedos, e a literatura foi, de certa forma, o substituto dessas brincadeiras. Costumo dizer ainda que a literatura é minha brincadeira de adulto.

### Estreia

Comecei aos 14 anos, publicando contos nos jornais da minha cidade. Meus professores sempre elogiavam as minhas redações, que na verdade não eram redações, eram contos que eu escrevia na sala de aula. E com esse entusiasmo, fui percebendo que meus textos tinham uma resposta. Então, me aventurei a publicar no jornal da minha cidade. Curiosamente, levei um conto lá, com 14 anos. Na época, era o melhor jornal da cidade. O editor leu e publicou. Aí já me senti autor publicado. Então, como já disse, não parei de mais de escrever.

# UM ESCRITOR na BIBLIOTECA

## Influências

Quando publiquei meu primeiro livro, *Tremor de terra*, e ganhei, junto com o Dalton Trevisan, o Concurso Nacional de Contos, fizeram uma longa entrevista comigo em Belo Horizonte, e surgiu aquela clássica pergunta: quais foram suas influências? Aí, em respostas curtinhas, que eu costumo dar até hoje nas minhas entrevistas, eu disse: um autor brasileiro, Dalton Trevisan; um autor estrangeiro, Hemingway.

## Belo Horizonte

Quando fui a BH, com 15 anos, passei a mandar semanalmente uma crônica para outro jornal da minha cidade. Depois, passei a publicar em jornal lá em BH. Daí comecei a conhecer os novos, outros jovens que também escreviam. Na falta de lugar para publicar, nos reunimos e criamos uma revista, tudo pago do nosso bolso, também uma coisa que ocorre muito na literatura. Daí, fui nessa trajetória até nos meus 21, 22 anos. Quando veio a vontade de publicar meu livro, eu tinha muitos contos escritos, alguns já publicados. Reuni-os em dois livros na época. Peguei o primeiro deles, que estava com mais vontade de publicar, e mandei para uma editora, que mandou uma carta de recusa. Tive várias recusas. Então resolvi que, enquanto meu livro corria entre as editoras, publicaria, por conta própria, o outro material que estava comigo. Na época, procurei a gráfica mais barata que havia em BH, porque trabalhava na época como secretário no departamento de filosofia da UFMG, tinha recentemente me formado. Procurei uma gráfica que se chamava “grafiquinha” — com “G” minúsculo mesmo. Publiquei e poucos dias antes do livro ficar pronto, fiquei sabendo de um concurso que ia ocorrer em Brasília. Fui lá e pedi para a moça imprimir correndo cinco exemplares para enviar ao concurso. Ela imprimiu, mandei e ganhei o Prêmio Nacional de Ficção, que na época era o maior prêmio literário do Brasil.



“ A essa altura do campeonato, cheguei à conclusão que, ou eu leio os livros dos outros, ou escrevo os meus próprios livros. Porque não há tempo mais.”

## Geração fantástica

Os anos 1960 e 1970 realmente foram uma época muito marcante. Agora, essas coisas têm certos fatores casuais, mas o fato é que, na época, pelo próprio tamanho da cidade — BH era ainda uma cidade menor — havia muito encontro entre escritores, nos botecos. Nessa época, surgiu o *Suplemento Literário de Minas Gerais*, que foi uma criação do Murilo Rubião. Frequentávamos sempre o *Suplemento*, convivíamos muito com escritores de gerações mais antigas. Diferente do que costuma acontecer, em que os mais jovens sempre tentam escorraçar a geração mais velha, conosco foi diferente. Tínhamos uma convivência muito boa com os mais velhos. Claro que tínhamos nossas briguinhas. Mas havia uma efervescência, várias revistas, além da nossa, que se chamava *Estória*. Para se ter uma ideia, essa revista chegou a ser considerada, por uma publicação americana, como a melhor revista do continente sul-americano. Então, isso pra nós foi sensacional.

## Jornalismo

Como tantas coisas que nos acontecem na vida, o jornalismo não foi uma escolha. Na época, eu tinha acabado de me formar e, apesar de ter me formado no curso de filosofia, não tinha vontade de dar aula. Aí fui convidado para ser secretário do departamento de filosofia da antiga UMG, que agora é UFMG. Achei uma maravilha, não queria dar aula. Lembro que na época saiu a edição brasileira de *Ulysses*. Então, na minha mesa, de um lado estava *Ulysses* e do outro o Estatuto do Magistério, que era um texto chatíssimo. Mas, quando não tinha ninguém, abria o *Ulysses* e, quando chegava algum professor, eu fechava e abria o Estatuto, que era discutido em várias reuniões. Fiquei três anos como secretário e acabei sendo demitido, por conta de contenção de despesas.

### Jornal da Tarde

Na ocasião, surgiu o convite para eu ir para o *Jornal da Tarde*, em São Paulo — e, só para informar vocês, lá já estava assim de mineiros. Eles falavam que tinha o mineiro da semana. E eu fui por causa de alguns colegas que já estavam lá na redação. A justificativa para eu ser convidado — na época eu já tinha meu primeiro livro publicado —, é que meu texto era muito jornalístico. Fui, me dei bem, gostei muito.

### Estados Unidos

Quando eu já era contratado do jornal, surgiu, então, um convite para eu ir aos Estados Unidos, em um programa que levava escritores do mundo inteiro e se chamava International Writing Program. Claro, recebi o convite e não pensei duas vezes. Fui. Lá fiquei nove meses. Era um programa maravilhoso, aquela vida em que o escritor não tinha obrigação nenhuma. Se quisesse escrever, podia escrever, mas também se não quisesse, não precisava escrever, nem bilhete. Poderia ficar dormindo o dia inteiro, enchendo a cara, se drogando. Muitos fizeram isso. Ou jogando sinuca, como eu. Foi uma experiência muito importante para mim, foi a primeira vez que saí do país, estava com 25 anos. Como escritor, aproveitei muito, porque tinha tempo e retomei um romance que eu tinha começado em BH.

### O inferno é aqui mesmo

Tempos depois, escrevi *O inferno é aqui mesmo*, que é baseado na minha experiência no *Jornal da Tarde* e em São Paulo. Esse livro me deu muita dor de cabeça, repercussão. Teve gente que quis mover processo contra mim. Um crítico literário publicou um artigo de quase uma página, no *Jornal da Tarde*, cujo título era “Este não é um romance, é uma vingança pessoal cheia de chavões”. Na página inteira, para meter o pau no meu livro, ele falava em Marlon Brando, em Mozart, falava em Truman Capote, Henry James e por aí vai.



“As pessoas achavam que *O inferno é aqui mesmo* se referia ao *Jornal da Tarde*. Não. O inferno é a cidade de São Paulo.”

Poxa, nunca vi um cara malhar tanto um livro com tantas boas figuras. Foi sensacional. Quase gostei do artigo dele. Mas o mais interessante de tudo era a ilustração que acompanhava o texto. Tinha uma pessoa passando pelo rolo da máquina de escrever, como em desenho animado quando o pessoal passa embaixo da porta, achatado. Então, tinha o rolo da máquina achatando o cara, como se eu tivesse achatado todo mundo do jornal. E não foi assim. Eu explicava que não tinha sido isso, muito pelo contrário: tinha e tenho ótimas lembranças do jornal, convivia muito

bem com todo mundo. Mas eu mostrei a realidade. Sabe-se que onde há um grupo de pessoas, há competição, não fica todo mundo fazendo gracinha e rezando, não, o negócio é bravo. E eu retratei isso.

### Incompreensão

As pessoas achavam que o título se referia ao *Jornal da Tarde*. Não. O inferno é a cidade de São Paulo. Se a pessoa ler com atenção o livro, vai ver que o inferno a que me refiro, em quase termos simbólicos, é o inferno da condição humana, do relacionamen-

to das pessoas, da solidão, da falta de amor, é tudo isso que está lá no livro. Mas a pessoa, com aquela leitura rápida, ou mesmo antes de ler, já tem uma opinião a respeito do livro. Isso aconteceu também com meu primeiro romance, *Os novos*, porque também retratei, como o Miguel Sanches Neto contou aí pra vocês, a minha geração, mas em termos ficcionais. *Os novos* também me deu muita dor de cabeça, porque essa geração não gostou de se ver como modelo do que estava no livro, dos personagens que estavam ali.

# UM ESCRITOR na BIBLIOTECA

## Críticas negativas

Desde o início, recebi poucas críticas negativas, mas recebi algumas pesadas, como essa que acabei de contar pra vocês. Mas quando recebi as primeiras críticas, alguém lá em BH me disse, fato que nunca pude comprovar, que o Guimarães Rosa tinha uma caderneta em que anotava as críticas. As negativas, ele colava de cabeça para baixo. Se é verdade, não sei. Mas fiquei tão entusiasmado com isso, que fiquei pensando em fazer algo semelhante, mas fui mais radical: pensei em comprar um rolo de papel higiênico, mas achei que não valia a pena e acabei usando o papel para outras coisas mesmo.

## Singularidade

Isso, de voz própria, talvez seja uma coisa que os outros percebiam, até porque eu, digamos, nunca parei par pensar sobre isso. Fui escrevendo, escrevendo, escrevendo e é isso. Acho que isso foi surgindo naturalmente, progressivamente. É claro que, no começo, tinha consciência de que ali estava a influência de tal autor e isso me incomodava. Hoje noto que os meus primeiros contos, realmente tinham influência mais forte, digamos assim, de determinados autores, porque influência nós temos, todos temos e não há mal nenhum em tê-la. Até porque, não existe nenhum escritor que seja totalmente original. Porque nós, quando nascemos, temos toda a literatura que existe à disposição e fatalmente somos influenciados. E não há mal nenhum que sejamos influenciados.

## Linguagem realista

A minha resposta, talvez um pouco atrevida, é que eu realmente não fico pensando sobre meu trabalho como escritor. Não sei responder sua pergunta, porque eu trabalho de uma maneira quase intuitiva, quer dizer, não fico voltado para minha obra, pensando no que já fiz. As coisas que me despertam vontades



“ Não quero ficar pensando no meu trabalho, quero escrever aquilo que desejar, seja o que for.”

de de escrever, escrevo. Se vocês pegarem meus primeiros contos e compararem com um conto de hoje, ou um romance, vão ver que há uma mesma linha de narração, de palavras, de textos, de construção. Não quer dizer que eu não trabalhe o meu texto, que eu não leia, que não tenho consciência das coisas que estão acontecendo ou aconteceram na literatura, mas não fico refletindo sobre meu próprio trabalho. Há autores que às vezes escrevem livros inteiros sobre o seu trabalho. Tem um caso clássico do autor mineiro Autran Dourado [morto em 30 de setembro de 2012], que escreveu

*Gaiola aberta*. Eu, jamais escreveria um livro desse tipo. Não quero ficar pensando no meu trabalho, quero escrever aquilo que desejar, seja o que for.

## Perdição

Escrevi este livro ao longo de dez anos. Quando digo isso, não quero dizer que fiquei dez anos seguidos escrevendo o livro, até porque nesse período eu publiquei um outro livro e alguns contos esparsos e tal. Mas o romance deu muito trabalho e, mais uma vez, não tive um propósito declarado: vou escrever um livro sobre tal coisa. Isso foi surgindo na-

turalmente. Por volta do ano 2000 recebi um convite, como às vezes acontece, de uma editora que queria fazer uma antologia de contos baseados nos 12 apóstolos. O editor me disse que eu era o primeiro convidado e que, por conta disso, poderia escolher o apóstolo que quisesse. Então escolhi São Pedro. Combinei com ele um prazo e, realmente, me pus ao trabalho. Comecei a escrever e fui me empolgando com o conto. Depois que terminei, fui reescrever. Processo bastante demorado. E aí aquele conto foi crescendo, crescendo e de vez em quando o editor me ligava: “E aí, Vilela, o conto tá pronto? O prazo já passou”. E eu: “Não, tá quase, tá ficando bacana, você vai ver”. E aí pensei: “É, isso aqui vai dar uma novela, porque não é conto mais, não”. Parti e disse: é, vai ser uma novela mesmo, mas fiquei quietinho. Daí o editor ligou, bronquiando: “Pô,

o conto não ficou pronto, como é que é?” Eu falei: “Olha, infelizmente eu acho que não vai dar, não, viu? Até hoje eu não acabei esse conto”. Bem, aí no dia de terminar o livro, escrevi debaixo Novela, como às vezes a gente faz. Mas fui reler, fazer novas correções, todo aquele trabalho infinito, como costume dizer. A novela foi crescendo, aparecendo novos personagens que eu não tinha pensado antes, outras histórias surgindo, uma puxando a outra. Daí falei: “Poxa, isso vai ser um romance”. Então comecei a estender, bem parecido com uma árvore: aquela árvore magrinha, que foi crescendo, de repente um galho para cá, um galho para lá e virou aquela árvore frondosa de quase 400 páginas que é o livro. Esse foi o processo.

#### Leituras de formação

A partir dos 14 anos, li tudo que poderia ler. Shakespeare, Tolstói, Balzac. Queria ler tudo, queria conhecer tudo. Sem falar nos autores próprios da minha época, Julio Verne, Conan Doyle, Karl Meier. Lia o que eu encontrava. Além disso, lia livros sobre história geral, lia filosofia, lia religião, uma coisa assim, onde eu visse uma coisa para ler, pegava e lia. Um dia, li no jornal que meu pai assinava, na época de Semana Santa, um sermão do Padre Vieira. Nunca tinha lido Padre Antônio Vieira. Fiquei tão entusiasmado, fui até meu pai e disse que tinha vontade de ler os outros sermões. Papai então comprou. Comecei a ler, mas, confesso, não terminei todos os sermões até hoje. Mas já foi muitas vezes meu propósito: ler de ponta a ponta os sermões de Vieira. Até hoje concordo plenamente com o Fernando Pessoa, que chamou o Vieira de um imperador da língua portuguesa. Mas, enfim, eu lia tudo, por gosto mesmo de ler.

#### Dalton Trevisan

Quando comecei a escrever, já tentava fazer uma leitura dos auto-

“ A partir dos 14 anos, li tudo que poderia ler. Shakespeare, Tolstói, Balzac. Queria ler tudo, queria conhecer tudo.”



Luiz Vilela relembrou episódios importantes de sua carreira durante o papo com Miguel Sanches Neto, que é um grande conhecedor da obra do autor mineiro.

res com olhos críticos. Nessa época tive, já em BH, uma grande descoberta, um autor chamado Dalton Trevisan. Lembro que quando li o Trevisan nos suplementos do Rio que eu comprava, no *Diário de Notícias*, e no “Suplemento Literário”, do jornal *O Estado de S. Paulo*, lia e pensava: poxa, esse cara escreve diferente de todo mundo que eu li até agora. E me pegou assim pra valer, então, alguns contos meus, do começo, têm muita influência do Dalton.

#### Método de escrita

Sou anárquico, escrevo a qualquer hora. Gosto do silêncio, não gosto de escrever com barulho, não. Então, por esse motivo, prefiro escrever à noite. À noite que eu digo é depois da meia-noite, porque até a meia-noite, na minha cidade, é um barulho infernal. Porque hoje, lá em Ituiutaba, como tantas outras cidades do Brasil, tem muitos carros, motos, etc. Fora os carros de propaganda. Então, é barulheira o dia inteiro — e eu moro num lugar bem central.

#### Leitura dos contemporâneos

A essa altura do campeonato, cheguei à conclusão que, ou eu leio os livros dos outros, ou escrevo os meus próprios livros. Porque não há mais tempo. Recebo muita coisa em casa. Publicação hoje no Brasil é uma coisa impressionante. Todo dia aparece um contista, aparece um poeta, aparece um romancista. Então, não há como acompanhar mais isso. É difícil passar uma semana sem que eu receba um livro. Mas dou uma olhada. Curiosidade natural, saber o que o cara tá fazendo, mas dificilmente leio o livro inteiro. Já não tenho tempo para escrever os meus próprios livros. ■



# Biblioteca pessimista

Interessado pelo “sentimento de precariedade da vida” desde muito cedo, o filósofo, escritor e colunista da *Folha de S. Paulo* revela os caminhos literários que ajudaram a formular a sua linha de pensamento dita politicamente incorreta

OMAR GODOY

Com ele não há meio termo, é na base do “ame ou odeie”. Autor de uma das colunas mais discutidas da imprensa brasileira (publicada às segundas-feiras no jornal *Folha de S. Paulo*), o escritor, professor e filósofo Luiz Felipe Pondé parece se divertir cutucando esquerdistas, feministas, ecologistas, ateus e qualquer um engajado nas causas politicamente corretas da moda. Tudo com um humor sarcástico,

o que irrita ainda mais seus detratores.

Autor de vários livros, entre eles o *best-seller* instantâneo *Guia politicamente incorreto da filosofia* (2012), Pondé também é um leitor assíduo, como exige sua condição de profissional do pensamento. Um hábito que começou na infância, por influência do pai. “Cresci num ambiente completamente livre, com muitos livros. Meu pai lia vorazmente e dizia que as pessoas inteligentes se cumprimentam falando sobre os livros que estão lendo”, conta.

Os primeiros títulos, presenteados pelo pai, nada tinham de infantis. Muito pelo contrário. Aos 12 anos, ganhou uma Bíblia e a leu inteira, fascinando-se pela personagem de Deus. Em seguida, vieram *Noites brancas* (Fiódor Dostoiévski) e *A idade da razão* (Jean-Paul Sartre). Do primeiro, gostou principalmente do desfecho — “Porque a mulher fica com o cara que a maltratava” —; do segundo, extraiu um elemento que se tornou uma de suas marcas pessoais: o pessimismo.



“Claro que li Marx na faculdade de Filosofia. E reli Sartre. No entanto, o Sartre que me interessou sempre foi o existencialista, não o marxista.”



“Não gosto de afetação, de quem diz que só consegue ler no idioma original. Se você pode ler em outra língua, ótimo. Porém, você pode ler no original e ser um idiota que joga com isso. Num doutorado, deve-se ler no original. Na vida, deve-se ler, e sempre.”

Começou a ler em outras línguas aos 15 anos, mas não se gaba disso. “Não gosto de afetação, de quem diz que só consegue ler no idioma original. Se você pode ler em outra língua, ótimo. Porém, você pode ler no original e ser um idiota que joga com isso. Num doutorado, deve-se ler no original. Na vida, deve-se ler, e sempre”, diz.

Ainda adolescente, mas já interessado pela condição humana, leu Albert Camus e teve um “grande encontro” com Sigmund Freud. A psicanálise, aliás, foi a área em que mergulhou depois de largar a faculdade de Medicina (Pondé vem de uma família de médicos, e seu filho mais velho também acabou enveredando pela profissão). Entre idas e vindas, que incluíram até uma temporada num kibutz de Israel (facilitada por sua origem judia), ele finalmente sossegou no curso de Filosofia. “Sempre fui tomado pelo sentimento de precariedade da vida. Decidi estudar os grandes filósofos para entender isso e dar nomes a esse sentimento”, explica.

Apesar de ter militado durante algum tempo no movimento estudantil, Pondé garante que não teve uma fase marxista, ao contrário de muitos de seus colegas de geração (inclusive os arrependidos que mudaram radicalmente de lado). “Claro que li Marx na faculdade de Filosofia. E reli Sartre. No entanto, o Sartre que me interessou sempre foi o existencialista, não o marxista. Também lembro de ter gostado de *O que é isso companheiro?*, do [Fernando] Gabeira, mas só como depoimento histórico”, afirma.

De qualquer forma, ele reconhece que alguns autores foram fundamentais em seu afastamento filosófico do pensamento esquerdista: Freud, Friedrich Nietzsche e os conservadores britânicos Edmund Burke, David Hume e Michael Oakeshott, além de Santo Agostinho. “Acho o conceito de pecado melhor que o de luta de classes”, diz, sobre Agostinho. Sua lista de filósofos preferidos ainda inclui Pascal (“É sua visão do homem como um ser angustiado”) e Cioran

(“Por seu pessimismo elegante”).

Questionado se existe uma corrente politicamente incorreta na literatura contemporânea, Pondé cita e elogia o inglês Theodore Darlymple — psiquiatra, escritor e crítico da esquerda na cultura e na psicologia social — e o americano Philip Roth. “Acho que o politicamente incorreto só faz sentido como reação à mentira opressiva do politicamente correto, não como proposta de vida.”

Mas sua grande obsessão literária é o brasileiro Nelson Rodrigues, frequentemente mencionado em seus textos semanais. Não à toa, o próximo livro de Pondé, *A filosofia da adúltera*, vai justamente tratar do pensamento rodriguesano. “Tudo na obra dele me influenciou. Sua crítica ao moderno ‘inteligentinho’ e à esquerda festiva, sua leitura aguda do desejo humano, sua infinita superioridade aos seus críticos, sua visão da natureza humana nua, sua empatia verdadeira com o sofrimento humano e seu ‘não’ às modas do amor abstrato há humanidade”, diz. ■

### 1. Na agência de turismo

Li num almanaque que o primeiro agente de viagens foi Thomas Cook. Em 1841, fretou um trem para levar um grande número de pessoas que iam participar de um congresso de ex-alcoólatras na Inglaterra. E uma viagem de ex-revolucionários? Quantos trens seriam necessários hoje?

Agora há uma agência de turismo em cada esquina. Pois bem! Voltei de uma delas agora há pouco. Comprei bilhete para Montevideú, estadia por um fim de semana, com traslado do aeroporto para o estábulo, digo, para o hotel, incluindo ração, digo, alimentação, não morrer de sede, isto é, água, enfim, esses itens todos que, reunidos, são designados por pacote.

“Eu devia estar contente porque eu tenho um emprego, sou um dito cidadão respeitável e ganho quatro mil cruzeiros por mês”, como Raul Seixas cantava quando eu era clandestino político, não tinha um Corcel 73, era um fusca azul 68, e namorava uma polaca de Curitiba de coxas fosforescentes, cobertas por meias sete oitavos, emendadas lá em cima, quase à altura dos seios, acho, com umas tiras muito sensuais chamadas ligas.

Comia pastel em lanchonetes de terceira categoria, mas saudáveis. E a dona da pensão vivia repetindo a quem me olhava com desconfiança: “Ele é pobre, mas é limpinho”.

Eu era pobre, mas era soberbo. Entrava naquelas lanchonetes com a minha noiva, loura esfuziante, e todos me invejavam, a mim, um magricelo, ao lado daquela *miss* tudo, bonita e gostosa, como diziam os meus colegas de universidade.

### 2. Meus passados

Tinha sido seminarista por longos anos, não tinha namorado ninguém, nem sequer um menino, como fizeram alguns colegas meus, e jamais tinha comido pastel em lanchonetes desarrumadas, sem menino ou com menino, onde todos podiam comer quando quisessem, em geral comidas gordurosas, com toucinho, capim e sebo, mas aos vinte anos quem se importa com isso?

# RUA QUINZE DE NOVEMBRO, SEM NÚMERO

No seminário, não. Havia disciplina, ordem e boa alimentação, convívio agradável, as refeições eram feitas na companhia de colegas, as mesas sendo organizadas de quatro a quatro, isto é, mesas quadradas, cada um no seu quadrado, quatro meninos por mesa, garantindo que a refeição era feita segundo a máxima *corpore sano em mente sana*, bordão sempre reiterado pelo padre Waltz, que dançou uma valsa meio atropelada, pois o bispo descobriu que ele tinha um caso com a empregada de antiga Casa Paroquial, em seu posto anterior, onde tinha sido vigário, num lugar retirado, lá para as bandas dos morros azuis.

Isso não era o mais grave, alguns padres acabavam rompendo o voto de castidade, sobretudo por ouvirem em confissões mulheres infiéis, que logo eram infiéis também com alguns confessores.

### 3. O filho do padre

O problema tinha sido outro. Padre Waltz criara o menino, colocara o rebento no seminário, ele já era clérigo, sem saber quem era seu pai, só conhecia a mãe, e ia ser ordenado padre também quando o bispo diocesano chamou o padre Waltz e perguntou para confirmar: “O menino, o Répobro, não sei por que foram dar este nome para a criança, é seu filho, não é?”.

O senhor bispo era tolerante. Queria apenas resolver os problemas do modo menos doloroso possível. Padre Waltz sabia disso e foi com certa melancolia que disse: “Eminência, o senhor sabe, esse menino chama-se Répobro porque este era o nome original de São Cristóvão, que trabalhava às margens dos rios, transportando as pessoas nos ombros, como não ignoramos!”.

“Sei, sei”, disse o bispo. “O povo, graças a nós, ignora muita coisa e, igualmente graças a nós, sabe de outras tantas. Quando os cruzados chegaram a Palestina se decepcionaram com a pequenez do rio Jordão. Estavam acostumados à grandeza dos rios Danúbio, Reno, Sena e outros, e deram de cara com um riacho chamado Jordão, que eles imaginavam maior e mais importante do que o Nilo ou o Amazonas”.

Pigarreou um pouco e completou: “Mas, me diga, padre Waltz, Répobro Cristóvão é seu filho, então?”. “Tu o disseste. Ele o é”, disse padre Waltz, que já tinha chegado às oito dezenas. “Eu não disse, eu perguntei”, disse o Bispo. “Perguntou afirmando”, disse padre Waltz.



Ilustração:  
**Renato** Faccini

#### 4. Então, não pode

“Pois é”, disse o bispo, “então não vou ordená-lo sacerdote e avisarei aos colegas, para o caso de o senhor, ardiloso como é, recorrer de minha decisão. Vou avisar também o Núncio”. “Ardiloso, eu?”, perguntou padre Waltz. “Sim, pois se seduziu uma menina de dezesseis anos quando tinha mais de sessenta”. “O senhor, bem se vê, não entende de mulher para dizer que um celibatário de sessenta e poucos anos seduz uma mulher de dezesseis!”. “Mulher?”, disse o bispo, “mulher? Ela era uma menina!”. “Senhor bispo, toda adolescente, tão logo exale as primeiras fragrâncias, lançando no ar seus poderosos feromônios para despertar os machos das redondezas, é uma mulher! Nada lhe falta para ser uma mulher completa!”. “Falta, sim, falta a idade”, disse o bispo, desconcertado com o ar libidinoso com que o padre falara daqueles pecados vindos da mulher, “e é melhor o senhor ir moderando a linguagem porque pode piorar a sua situação se eu acrescentar em meu relatório que o senhor é pedófilo assumido.” “Senhor bispo! O senhor está caindo nas malhas do populacho que vê pecado em tudo. O cristianismo, a nossa religião, é dileta filha do judaísmo, onde a maioridade da menina dá-se aos doze anos, e para os meninos aos treze. Esqueceu-se da *Bat Mitzvah* para as garotas e da *Bar Mitzvah* para os garotos?”

O bispo olhou pela janela. Levantou-se. E, com ar paternal, pondo as mãos sobre os ombros de padre Waltz, disse: “Tutankamon casou-se aos dez anos. A noiva era da idade dele. Mas hoje não é mais assim e não estamos no antigo Egito! Também não estamos tratando de casamentos reais!”.

“Eu compreendo”, disse padre Waltz. “Mas lembro que no Brasil, já que o senhor se apega a procedimentos jurídicos, relação sexual com menina com mais de 14 anos não é mais pedofilia.”

“De todo modo, não vou ordenar sacerdote a seu filho padre. Ele não será padre.”

#### 5. Fecho e Desfecho

Nunca mais vi ou ouvi o padre

Waltz. Muitos anos depois soube que seu filho morrera em acidente de trânsito e que inclusive um escritor, também ele ex-seminarista, tinha colocado isso num romance. Padre Waltz morreu, disseram que de profundo desgosto, algum tempo depois.

Tornei-me clandestino num projeto que formava comunidades eclesiais de base, mas a verdadeira intenção era preparar o povo para a Revolução!

Lembro da última reunião que tivemos com nosso chefe, já com tarefas bem fixadas. O chefe disse, apontando para mim: “Você é o responsável por Montevidéu.”

Na hora nem me dei conta de que, a partir da semana entrante, eu seria o responsável por Montevidéu. E eu ainda não conhecia a cidade, a metrópole ou, como dizia nosso chefe, a megalópole.

Fomos todos presos no dia seguinte e eu não cheguei a controlar Montevidéu!

Estava pensando nesses meus passados, minha memória brotando sem parar, agora na volta da agência de viagens. Irei pela primeira vez a Montevidéu, a cidade que um dia ia ser minha!

Agora classe C também viaja de avião. Na última vez, indo para Buenos Aires, um casalzinho sentou-se a meu lado no avião. A gordinha era atendente de telemarketing numa empresa. Ele fazia consertos em internet sem fio. Novas profissões, novas viagens. E novos passageiros. Menos eu, que fui, sou e serei sempre o mesmo.

A gordinha sorriu para mim, pareceu a primeira mulher que eu tive na vida que, depois de ler uma fotonovela em que certa mocinha dizia ao namorado, “possua-me, possua-me”, resolveu me possuir, isto é, o contrário, que eu a possuísse. Ela estava realmente possuída. Gritava feito louca naquele hotelzinho de segunda categoria numa rua perto da rodoviária de Curitiba. Era o único que eu podia pagar.

Essa gordinha, não. Era uma donzela em estado puro, só tinha olhos e atenção para o marido, recém-casados que eram.

Estavam em viagem de lua de mel para Buenos Aires!

No ônibus para a casa, vim lendo o jornal. Faleceu o bispo que um dia se recusara, sem necessidade, a ordenar padre o filho do padre. Padeceu de longa enfermidade e morreu ateu, mas disso eu vim a saber no romance de um escritor que muito aprecio.

Agora já estou em casa. Peguei o contrato, são dez prestações no cartão de crédito, incluindo traslado para o aeroporto, o café da manhã e uma refeição por dia.

Não sou mais um revolucionário, não espero mais Revolução alguma, não irei mais a Montevidéu a trabalho. Agora vou a passeio. Um dos maiores revolucionários de Montevidéu, um ex-guerrilheiro tupamaro, é o atual presidente do Uruguai.

Na agência, a moça fez o cadastro. Preenchi meu nome (“com letra legível, viu?”) e quase plagiei Groucho Marx que um dia escreveu numa ficha de hotel: “Nascido: sim; sexo: uma vez por semana”. No endereço, escrevi Rua Quinze de Novembro, sem número. E ela, ao revisar: “Sem número?”. E eu: “Eu moro num depósito de livro, o prédio não tem número! A lanchonete que eu frequento também não tem número.” Ela disse: “Vou indicar um número qualquer porque você deu de endereço para correspondência a caixa postal.”

Comprei o pacote de Montevidéu sem entrada. A primeira prestação só vencerá depois de eu voltar. A cidade de dois milhões de habitantes será minha por um fim de semana. Ela se chama assim porque um escrívão que acompanhava Fernando de Magalhães na viagem ao redor da Terra, ao passar por aquela região cheia de montes, escreveu, quando se aproximava da povoação, “MONTE VI, D E O”: era o sexto monte que ele avistava, indo de Leste a Oeste.

Estou pensando que, com tanta gente viajando, seria melhor eu ser agente de viagens. Fretaria veículos no atacado para levar ex-revolucionários a algum lugar do passado. Eu mesmo seria passageiro. Aliás, passageiros somos todos nós. ■

 **Deonísio da Silva** é escritor e professor, Doutor em Letras pela USP, também é autor de 34 livros, entre romances, contos e ensaios. Seu romance mais recente é *Lotte & Zweig*. Assina a coluna de “Etimologia”, na revista *Caras*, e apresenta o programa “Sem papas na língua”, na Rádio Bandeirantes, com Ricardo Boechat. É Vice-reitor da Universidade Estácio de Sá. Vive no Rio de Janeiro (RJ).



BIBLIOTECA  
**PÚBLICA**  
DO PARANÁ

**OFICINA**  
de criação  
**LITERÁRIA**

**TABAJARA RUAS**  
Roteiro para cinema

**26, 27, 28 e 29** | novembro | das 14h às 18h

Inscrições gratuitas até 19 de novembro pelo e-mail [oficina@bpp.pr.gov.br](mailto:oficina@bpp.pr.gov.br)

Informações 41 3221 4917 | **Vagas limitadas**

Próxima Oficina | DEZ | Jornalismo Cultural – João Gabriel de Lima

**OFICINA**  
DE ILUSTRAÇÃO

**CARTAZ, com RICARDO HUMBERTO**

**21, 22 e 23** | novembro | das 14h às 18h  
Vagas limitadas

Inscrições pelo e-mail [oficina@bpp.pr.gov.br](mailto:oficina@bpp.pr.gov.br)

**VIRADA**  
**CULTURAL**

**Uma noite na Biblioteca**

**10 e 11** | novembro | Vagas Limitadas

BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ  
Rua Cândido Lopes, 133 (41) 3221 4917  
[www.bpp.pr.gov.br](http://www.bpp.pr.gov.br)



# O espaço das contradições



Representadas literariamente, as cidades são muito mais do que espelho e cenário geográfico. Atualmente, as urbes refletem os anseios e os conflitos do ser humano, em busca do progresso em meio à hostilidade caótica

MARCIO RENATO DOS SANTOS

**D**ublin de James Joyce. Porto Alegre de Erico Verissimo e Dyonélio Machado. Nova York de Paul Auster. Rio de Janeiro de Lima Barreto e Machado de Assis. Lisboa de Eça de Queiroz. Curitiba de Dalton Trevisan e Cristovão Tezza. Brasília de Nicolas Behr. A literatura ocidental contemporânea é marcada pela cidade — ou pela representação literária de cidades. Dito de outra maneira, as cidades são cenário de parte significativa de textos de ficção produzidos em tempos recentes.

Estudiosos afirmam que foi a partir do século XIX que as cidades passaram a ser representadas com expressividade na literatura. Clara Miguel Asperti Nogueira defendeu tese de doutorado sobre o assunto na Universidade Estadual Paulista (Unesp), e explica que — a partir daquele contexto — o espaço físico da cidade e o viver em metrópole ganham força, sobretudo por causa das transformações econômicas, sociais e as suas inevitáveis consequências. A doutora em Letras cita a Paris de Baudelaire como referência fundamental. “Charles Baudelaire foi certamente um dos escritores do século XIX que mais colaborou para forjar entre seus pares contemporâneos a consciência do novo homem urbano moderno”, diz Clara. A capital francesa iria se tornar símbolo do novo ambiente moderno a partir do modelo de reurbanização conduzido pelo Barão de Haussmann entre 1853 e 1870. O então prefeito Haussmann reinventou Paris: entre outras ações, demoliu 120 mil casas para reerguer outras 320 mil — o que

não passou despercebido pela sensibilidade do autor de *As flores do mal*.

Durante as aulas que ministra no curso de Letras da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), Rejane C. Rocha costuma comentar que a Paris representada por Baudelaire em sua obra poética e ensaística talvez tenha sido mesmo — graças também aos estudos de Walter Benjamin a respeito da obra do poeta francês — a cidade que de forma mais paradigmática absorveu os paradoxos da representação moderna da cidade. “Isso porque é possível observar na obra baudelaireana um olhar crítico daquele que sabe ser a cidade o repositório de todas as tensões, as novas relações de trabalho, de consumo e de produção, de que a modernidade é portadora e, ao mesmo tempo, a sabe, também, como fonte inesgotável de material poético”, acrescenta Rejane.

#### Ativar o simbólico

A exemplo do que diz a professora da UFSCar, as urbes são mesmo fontes inesgotáveis para a ficção. E, muitas vezes, espelho. A Paris de Baudelaire tem pontos de contato com a Paris real, da mesma maneira que a Manaus de Milton Hatoum traz ecos da capital do Amazonas, com seus rios, museus e escolas. “Da maior ou menor recorrência aos elementos extra-literários, geográficos, arquitetônicos e históricos, resultam os diferentes graus de semelhança entre o ficcional e o real. Contudo, qualquer leitor de ficção sempre sabe, mesmo que inconscientemente, que ele está diante de uma ‘representação’ e não da realidade”, observa Rejane, completando que, para que a representação literária

“ Toda cidade real tem um imaginário próprio, ou seja, um conjunto de valores e de imagens aos quais costuma estar associada. A literatura participa da configuração desse imaginário. E seguramente tem o poder de ativá-lo, problematizá-lo, torná-lo digno de interesse mais amplo, tanto para quem conhece, quanto para quem não conhece a cidade à qual ele se vincula”.

Luis Alberto Brandão, professor da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Ilustrações:  
**Rafael Antón**

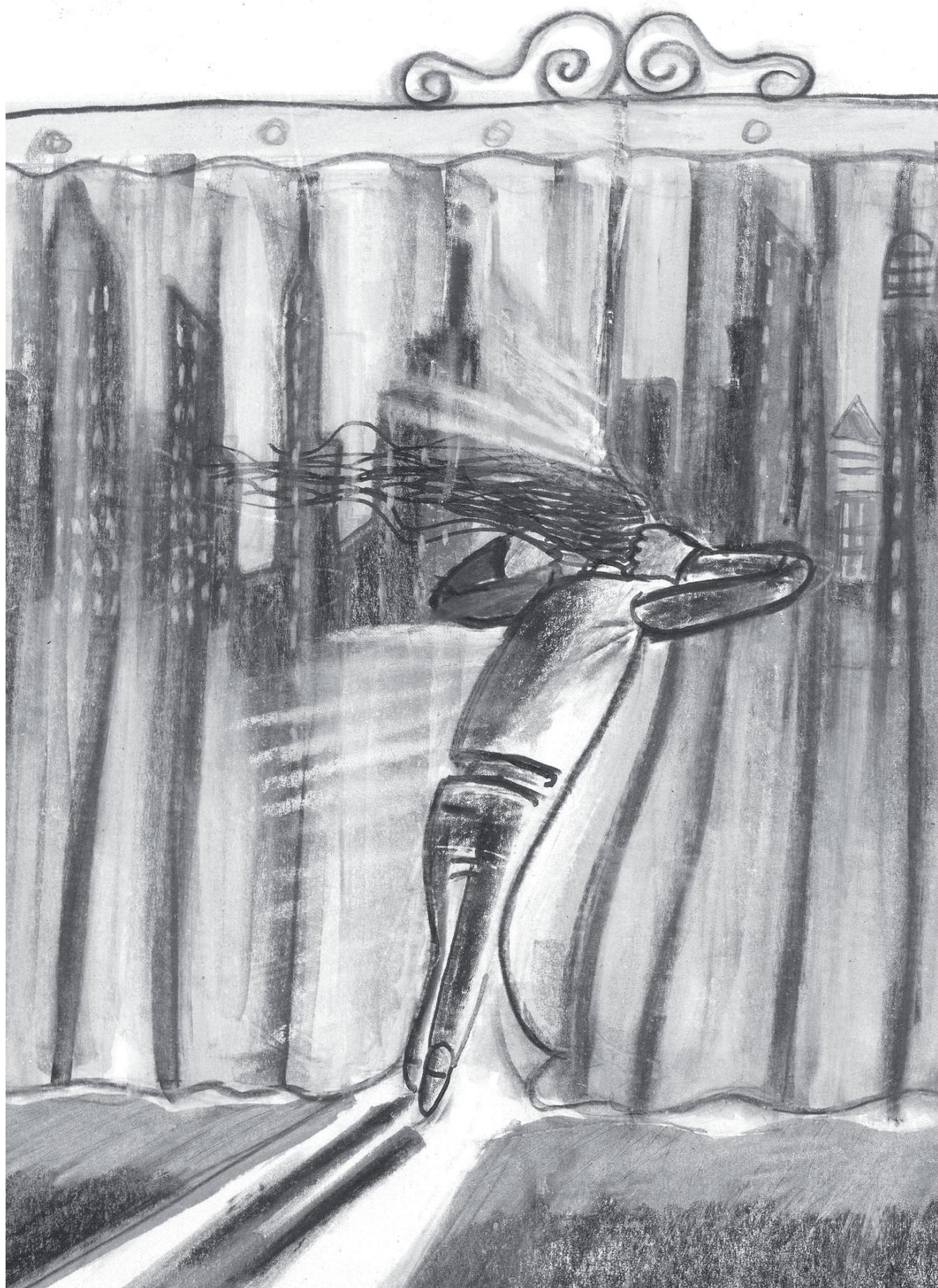
## CAPA | A REINVENÇÃO DA CIDADE

funcione, é necessário que o leitor, mesmo sabendo que não está diante do real, portese como quem nisso acreditasse.

O Rio de Janeiro de Machado de Assis e de Nelson Rodrigues são precisos. Quem faz a observação é o ex-professor da Universidade de São Paulo (USP) Flávio Aguiar. “Os nomes de ruas, de bairros, de lojas, etc., são muito reais e ‘encontráveis’ [nas obras de Machado e de Nelson], nem que seja pela pesquisa histórica”, comenta Aguiar. No entanto, pondera o também escritor, atualmente radicado em Berlim, São Paulo em poemas de Mário de Andrade, o Rio de Janeiro em poemas de Drummond, assim como a Curitiba de Dalton adquirem algo de um ambiente meio surreal, indeterminado, completamente abertos à imaginação.

Mais do que — apenas — reproduzir o real, os escritores conseguem, sutilmente, problematizar detalhes que muitas vezes passam despercebidos, por exemplo, em registros oficiais. Luis Alberto Brandão, professor da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), e também ficcionista, tem os olhos bem abertos para essa questão. Ele afirma que toda cidade é composta de várias camadas, desde as mais concretas, como edificações e vias, até as menos palpáveis, mas não menos atuantes, como os sistemas reguladores, as referências simbólicas, o jeito como as pessoas interagem, pensam, sentem. “Toda cidade real tem um imaginário próprio, ou seja, um conjunto de valores e de imagens aos quais costuma estar associada. A literatura participa da configuração desse imaginário. E seguramente tem o poder de ativá-lo, problematizá-lo, torná-lo digno de interesse mais amplo, tanto para quem conhece, quanto para quem não conhece a cidade à qual ele se vincula”, raciocina o escritor e professor da UFMG.

Mas, acrescenta Brandão, uma vez que a finalidade elementar da obra literária



não é documental, não há exagero em dizer (antes, ao contrário, é imprescindível ressaltar) que todas as cidades literárias são inventadas. “É a maneira como ocorre a invenção que lhes concede relevância, independentemente do ponto de partida: se cidades factíveis, ou, pelo contrário, se apenas difusa e tangencialmente semelhantes a cidades reais”, completa.

### Mais que geografia, um lugar

O professor da UFMG chama a atenção para o fato de que a cidade não é só — literariamente falando — um lugar, mas uma série dinâmica de relações de todas as ordens: econômicas, políticas, sociais, e também existenciais, simbólicas, perceptivas. “Assim, a literatura não somente representa a cidade, como também incorpora, no trabalho com a linguagem verbal, as características da cultura urbana. Quando observamos, por exemplo, que o regime textual dos escritores modernos se pauta pela fragmentação, pela simultaneidade, pela justaposição de imagens, estamos considerando que suas obras se *urbanizam*”, diz Brandão.

Rejane C. Rocha, da UFSCar, dialoga com o colega acadêmico da UFMG e observa que, atualmente, a literatura se apropria das cidades não apenas no que diz respeito a descrição física e espacial. “A ficção contemporânea vai além, problematizando de que forma a grande cidade, considerada, em finais do século de XIX e início do século XX como o repositório dos sonhos de progresso inerentes à Modernidade, tornou-se o ambiente hostil que hoje não oferece nem repouso, nem guarida, nem esperanças aos seus habitantes”, argumenta Rejane, citando Luiz Ruffato, João Gilberto Noll, Bernardo Carvalho, Marcelino Freire e Ferréz como exemplo de autores para quem a urbe é bem mais que ruas, prédios e cores, e sim uma mistura de território, imaginário e o impalpável que somente a ficção dá conta de fruir. ■

## CONTRAPONTO

# BEM ANTES DA PARIS DE BAUDELAIRE

**Flávio Aguiar**, ex-professor da Universidade de São Paulo (USP), atualmente radicado em Berlim, argumenta que as representações literárias de cidade são tão antigas quanto o ser humano. À pedido da reportagem do **Cândido**, o também premiado escritor, vencedor três vezes do Prêmio Jabuti da Câmara Brasileira do Livro, uma das quais com o romance *Anita* (2000), cita algumas das primeiras cidades literárias, de Troia a São Petersburgo, passando por Sodoma e Gomorra.

As cidades se tornaram relevantes desde os primórdios da literatura. Dois exemplos da antiguidade: Troia, dos poemas homéricos, e Jericó, na Bíblia. Em ambos os casos um dos detalhes mais relevantes é a demarcação de uma linha divisória entre a cidade e o “resto” do mundo, que equivale a uma demarcação entre presente e futuro, de um lado, e presente e passado, do outro: nos exemplos citados, uma inovação técnica, militar e política da maior importância, qual seja, muros defensivos.

Os muros de Troia tornavam a cidade praticamente inexpugnável, com a supremacia de seus arqueiros, e a cidade só foi tomada graças a uma astúcia baseada também no excesso de confiança dos seus habitantes, o cavalo de madeira com os inimigos em seu “ventre”.

Embora os poemas de Homero sejam de glorificação aos gregos piratas e rapineiros, não há como esconder que o futuro da humanidade jaz em Troia, com seu herói sacrificial, Heitor. Ele defende a sua terra, a sua “pátria”, a sua cidade, a sua família, o seu povo. A glória fica com os aqueus e com Aquiles; a admiração, com Heitor e seus valores.

Na Bíblia, há cidades anteriores a Jericó, que aparece no livro de Josué. Caim é o fundador da primeira cidade, a que dá o nome do filho, Enoque. Babel, além da torre, era também uma cidade, assim como Sodoma e Gomorra também o eram. Mas Jericó é a primeira cidade que aparece como um obstáculo real à marcha “do povo eleito”. E, como Troia, graças a seus muros, que precisaram de um verdadeiro “milagre” para caírem: o sopro das trombetas e a gritaria do povo invasor. Pode-se dizer que Jericó “caiu no grito”. Em seguida, ocorre o primeiro massacre militar bíblico descrito em detalhe, pois todos os seres vivos são passados no fio da espada, crianças, velhos, mulheres, homens e animais. Há uma única exceção: a prostituta Rahab ou Raabe, que escondeu espias hebreus enviados por Josué para estudarem a cidade, com seus familiares. Rahab é assim a primeira personagem genuinamente “urbana” do Velho Testamento. Para se salvar, ela colocou, por sugestão dos espias, um lenço vermelho na entrada de sua casa, e diz a lenda que essa é a origem de até hoje, em muitos lugares, inclusive no Brasil, luzes coloridas na fachada identificarem os bordéis.

Na literatura contemporânea, o espaço urbano é associado, muitas vezes, a uma ideia de “metrópole”, uma espécie de labirinto onde as identidades se perdem e se confundem. Consta que a primeira cidade a aparecer com toda a força dessa característica algo opressiva foi a São Petersburgo de *Crime e castigo*, de Dostoiévski.





# Província universal

Entre retratar o espaço físico e decifrar o hábito dos locais, autores paranaenses elaboram uma literatura reconhecida por prêmios e que desperta a atenção de leitores de variados pontos do país

LUCAS RUFINO

No Paraná, muitos escritores parecem ter levado ao pé da letra a máxima de que “Se queres ser universal, começa por pintar a tua aldeia” — cunhada pelo escritor russo Liev Tolstói. No Norte do Estado, por exemplo, é possível encontrar o registro da colonização, do crescimento e da urbanização daquela região em várias obras literárias. A começar por *Terra vermelha* (1998), de Domingos Pellegrini, um relato até certo ponto autobiográfico sobre a trajetória de uma família que se transfere do campo para a cidade.

“Em algumas das narrativas do escritor, a região pode ser considerada personagem. O projeto é ficcionalizar a constituição da região”, diz a professora da Universidade Federal do Paraná (UFPR) Marilene Weinhardt. Já para Naira de Almeida Nascimento, professora da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), é por meio da obra de Pellegrini que outro escritor paranaense, Miguel Sanches Neto, “percebe que a literatura poderia ser feita a partir de referências comuns, ou seja, do seu entorno”.



Jamil Snege, autor de um dos textos mais célebres sobre a capital paranaense: “Como tornar-se invisível em Curitiba”.

Arquivo da família

Em seus livros, Sanches Neto representa cidades do interior como a Peabiru de sua infância e juventude — vide *Venho de um país obscuro* (2000) e *Chove sobre minha infância* (2000). Outra cidade presente em sua obra é o município de Palmeira, retratada no romance *Um amor anarquista* (2005). Trata-se de um trabalho de pesquisa e ficção sobre um episódio que até hoje gera discussões no Estado — a Colônia Cecília, uma das primeiras tentativas, no Brasil, de se estabelecer uma comunidade anarquista, baseada no princípio do amor livre.

Além de Pellegrini e Sanches Neto, escritores com longa trajetória na literatura, outros autores paranaenses também ambientam suas narrativas no interior do Estado, a exemplo de Marco Aurélio Cremasco, autor de *Santo reis da luz divina* (2004), e Oscar Nakasato, vencedor do Prêmio Jabuti deste ano na categoria Romance com *Nihonjin*, obra que tem como pano de fundo a imigração japonesa no Norte do Paraná.

## A mais literária do Brasil

Mais do que capital universitária, ecológica ou cidade sorriso, Curitiba é — na opinião do escritor Cristovão Tezza — a cidade mais literária do Brasil. Isso se deve, entre outros fatores, à tradição na publicação de suplementos literários como a revista *Joaquim*, editada por Dalton Trevisan na década de 1940, e o jornal *Nicolau*, conduzido por Wilson Bueno a partir dos anos 1980. Essas publicações abriram espaço em suas páginas para a produção nacional e local, o que fomentou a criação e o senso crítico de escritores nativos.

Autor, entre outros, dos romances *Trapo*, *Uma noite em Curitiba* e *O fotó-*



Divulgação

Manuel Carlos Karam soube diluir a influência da cidade em uma prosa experimental.

grafo, o premiado Tezza confessou, durante um debate recente sobre literatura e cidade, que a sua produção também é resultado de aspectos da vida e da sociedade curitibana. Do Carnaval realizado no Centro Cívico (nem tão animado como o que se festeja em Olinda e no Rio de Janeiro) à autofagia (aqui conhecida como a prática de falar mal do semelhante), passando pelo clima frio e inóspito durante boa parte do ano. “Diante de tanta adversidade”, observa Tezza, “Curitiba é uma cidade ideal para ficar dentro de casa lendo e escrevendo”.

Inevitável não citar Dalton Trevisan. O “Vampiro de Curitiba” é, des-

de a sua estreia oficial, em 1959, com o livro *Novelas nada exemplares*, um dos mais contundentes críticos da cidade, em especial daquela que ele mesmo chama de “para inglês ver”. “Em busca de Curitiba perdida”, um de seus textos mais famosos, revela o repúdio à cidade do cartão postal e a preferência por ícones provincianos.

Manoel Carlos Karam, Valêncio Xavier, Wilson Bueno e Jamil Snege também problematizaram a urbe em suas obras. O curitibano Snege, morto em 2003, possui uma obra ainda não reeditada (e, portanto, inacessível para as gerações mais recentes), mas que se-



Snege, Tezza e Trevisan: três visões diferentes da mesma cidade.

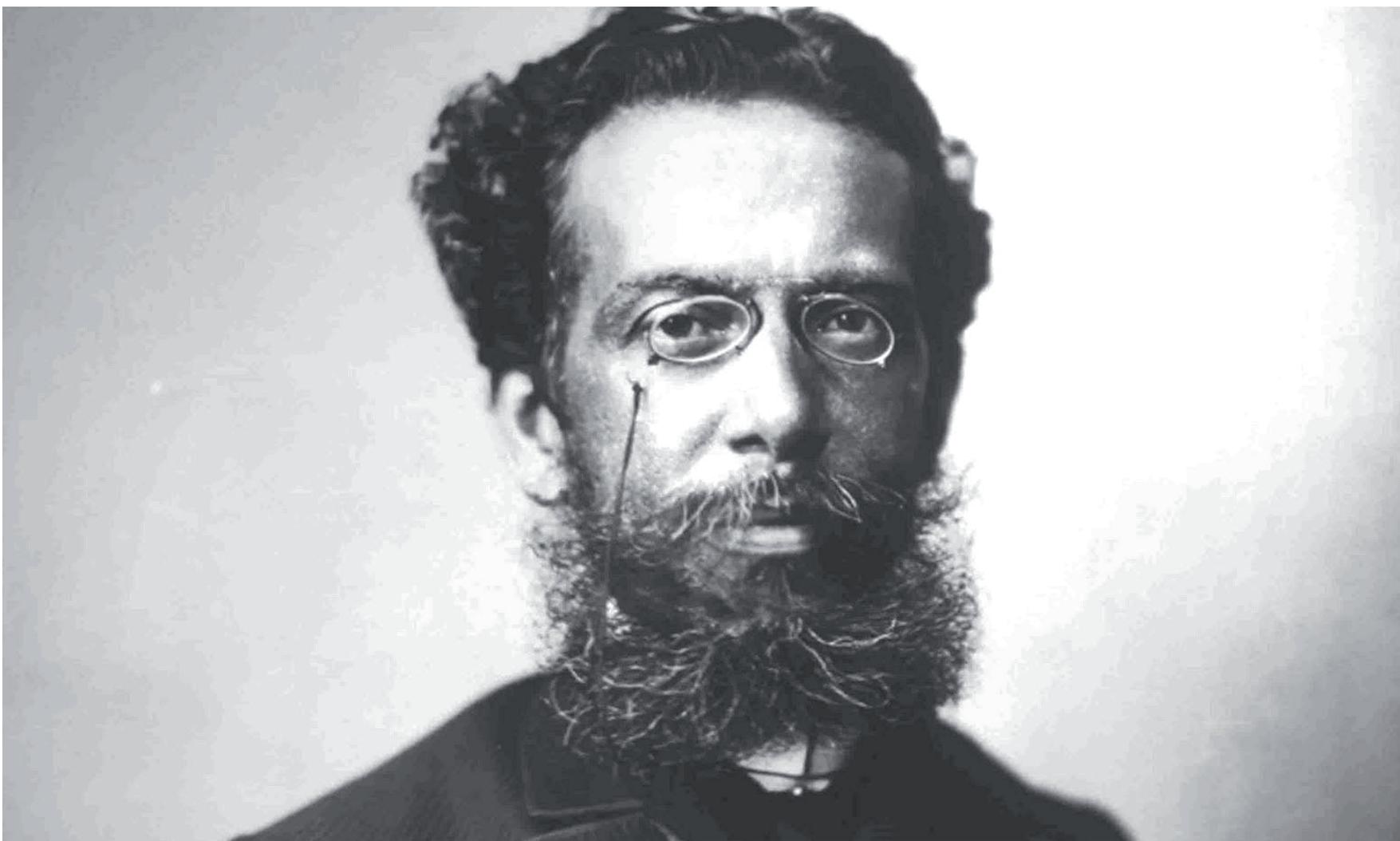


gue ressoando devido à qualidade da linguagem e, principalmente, por causa da visão de mundo do autor. Mais do que descrever a paisagem, as ruas, as construções e outros objetos pontiagudos, o escritor — seja no romance autobiográfico *Como eu se fiz por si mesmo* (1994) ou na novela *Viver é prejudicial à saúde* (1998) — concentrou-se naquilo que, para ele, era o essencial: o jeito de ser dos locais.

No texto “Como tornar-se invisível em Curitiba”, também título de um livro, o autor argumenta que um curitibano talentoso será ignorado por todos os outros — ironia que utilizou para tratar da já citada autofagia, hoje um tanto diluída diante do crescimento

da cidade e da chegada de gente de outros pontos do país e do planeta.

O escritor Luís Henrique Pellanda, finalista do prêmio Jabuti na categoria conto/crônica com o seu livro de crônicas *Nós passaremos em branco* (2011), acredita ser necessário criar empatia com o leitor, para que esse misterioso interlocutor com quem o autor dialoga se sinta seguro sobre o que está lendo. Devido a tal crença, o autor incluiu um mapa de Curitiba em sua obra mais recente, o que funciona como uma guia que traz ruas, praças e locais citados no livro. “Quando eu coloco aquele mapa no final do livro, aumento a sensação de que o lugar, de fato, existe”, explica. ■



Machado de Assis, escritor que teve no Rio de Janeiro forte inspiração para compor seus romances e crônicas.

# Um país leve e palatável

Do histórico Rio de Janeiro de cronistas como Machado de Assis e Nelson Rodrigues à sensual e envolvente Bahia de Jorge Amado, o Brasil se reinventa a cada página e aparece como inspiração para grandes (e pequenas) narrativas

FELIPE KRYMINICE

No romance *Budapeste*, de Chico Buarque, o personagem-narrador conta que o melhor jeito de se conhecer uma cidade é se fechar em um aposento dentro dela. A afirmação do personagem tem sua verdade. É fato que a introspecção e o exílio sempre foram determinantes para entender uma época ou lugar. A literatura, por sua vez, além de também ter esse caráter introspectivo, é uma alternativa para conhecer outros espaços e épocas. No que diz respeito ao Brasil, nada mais

genuíno do que entendê-lo a partir da crônica, esse gênero leve, palatável e tipicamente brasileiro.

No Rio de Janeiro — que à época dos primeiros grandes escritores brasileiros era a capital federal —, cronistas como Machado de Assis, Joaquim Manuel de Macedo e João do Rio, entre outros, tiveram papel importante na construção simbólica da cidade. Os cronistas cariocas mostraram que a influência da literatura na formação do espaço urbano do Rio ultrapassa o legado deixado pelo centenário Nelson Rodrigues e sua obra singular.

Quem destaca a importância dessa relação é o crítico Sérgio Rodrigues, autor de um dos *blogs* mais respeitados de literatura do Brasil, o *Toda-prosa*: “Acho que essa relação profunda dos cronistas com o espaço urbano que habitam nasce com a própria ideia moderna de metrópole. Não se concebe crônica na roça. Esta, no máximo, vai ser uma idealização ou um refúgio de fim de semana para o animal urbano que conversa no jornal com seus companheiros igualmente urbanos”, aponta o também escritor, autor do romance *Elza, a garota* (2009).

Rodrigues também conta que o seu Rio de Janeiro é resultado de algumas de suas leituras. “O meu Rio, cidade onde vivo há mais de 30 anos, vai ter sempre ecos de Machado de Assis, Nelson Rodrigues e Rubem Fonseca”, afirma.

O Rio de Janeiro rende, já faz tempo, muita crônica. Da sua cobertura em Ipanema, Rubem Braga — considerado um dos maiores cronistas brasileiros — retratou uma cidade que repercute até hoje no imaginário de seus leitores. Em “Aí de ti, Copacabana!”, um dos mais conhecidos textos do autor, Braga mostra porque é considerado um dos mestres do gênero, uma vez que funde prosa e poesia com maestria: “Já movi o mar de uma parte e de outra parte, e suas ondas tomaram o Leme e o Arpoador, e tu não viste este sinal; estás perdida e cega no meio de tuas iniquidades e de tua malícia”.

### Pluralidade crônica

As terras mineiras deram origem a uma generosa safra de jornalistas, escritores e cronistas — o que confirma que a crônica não é, necessariamente, um milagre carioca. Humberto Werneck, cronista e jornalista mineiro, conta que — no caso de Minas — houve um tempo em que, mais do que pão de queijo, o Estado se tornou conhecido por seus cronistas, que tinham como assunto recorrente o “chão de ferro”. “A terra natal era marca obrigatória. Mais do que isso, obsessiva, no que escreviam seus ficcionistas, poetas e cronistas. Nem poderia ser de outra forma, porque naquelas Minas, se vivia em grande isolamento. Ali, escrever era uma forma de suprir vivências que o meio não favorecia”, afirma o prosador, colunista do jornal *O Estado de S. Paulo*.

Werneck não acredita que o “cantar a sua aldeia” — seja Minas, Rondônia ou Mato Grosso do Sul — venha a ser um fator que limite ou restrinja a obra a um certo público de lei-

tores locais. “Não será isso que impedirá o bom leitor do Acre, por exemplo, de se encantar com a Belo Horizonte do romance *O encontro marcado*, de Fernando Sabino, onde nunca terá botado os pés”, pontua.

O jornalista ainda lembra que, seguindo exemplo de outras regiões do Brasil, a obra mineira também originou algumas cidades imaginárias: “Lembro de duas cidades que Otto Lara Resende inventou: a Lagedo, do romance *O braço direito* e da novela *A testemunha silenciosa*, e a Santa Rita do Rio Acima, da novela *A cilada*”.

### Romances e lugares

Nem só de breves narrativas vivem os prosadores brasileiros. Grandes romancistas trataram de eternizar cidades e tempos. A história da literatura baiana muitas vezes se confunde com a obra de Jorge Amado. Dona Flor, Nacib e Tieta são alguns dos personagens que habitam a Bahia de Jorge e o imaginário de muitos leitores. Dono de uma dicção inconfundível, Jorge Amado criou uma Bahia envolvente e sensual.

Além de Amado, outros escritores sustentaram longas — e consagradas — narrativas em outras regiões. Manuel Antônio de Almeida, com *Memórias de um sargento de milícias*, foi o primeiro a romper com o romantismo. O escritor deixou de lado o cenário aristocrata de salões e tratou de um Rio de Janeiro mais urbano, incorporando a linguagem das classes mais baixas e ambientando seu romance na rua.

Para além do Nordeste de José Lins do Rego e Jorge Amado e do Rio de Janeiro de Manuel Antônio de Almeida, literariamente falando, Manaus virou sinônimo de Milton Hatoum — um dos mais festejados romancistas da atualidade. Outro exemplo que reforça a relação das cidades nos grandes romances contemporâneos é a influência de Recife na obra de Raimundo Carrero.

### Metrópoles literárias

A produção contemporânea literária brasileira acabou evidenciando uma involuntária tendência: grandes centros urbanos acabam aparecendo como destaque em narrativas de romances. Dois dos principais romancistas da atualidade, Bernardo Carvalho (*O sol se põe em São Paulo*) e Luiz Ruffato (*Eles eram muito cavalos*), sustentam suas narrativas na cidade dos engarrafamentos e conglomerados econômicos.

A professora Nádia Barbosa, que fez um estudo sobre a relação da obra de Luiz Ruffato com São Paulo, acredita que a presença da cidade na narrativa do autor é tão intensa que se faz presente até mesmo quando a história se passa em outro espaço “Portanto, São Paulo, com sua efemeridade, parece-me estar na própria dicção de Ruffato, até mesmo quando o espaço de sua narrativa é Cataguases, interior de Minas”, pondera a professora da Universidade Estácio de Sá.

Nádia ainda observa a influência de fatores externos na inspiração dos escritores. “A industrialização crescente e a globalização mudaram a geografia humana do país e, em última instância, deram força à ficção centrada na vida das grandes cidades”, salienta.

### Um Brasil inexplorado

Por maior e mais plural que seja a relação da produção literária brasileira com as suas urbes, uma pergunta é recorrente: existe alguma cidade brasileira que ainda não apareceu com grande destaque na literatura, mas é fonte rica para sustentar uma narrativa?

Questionados sobre essa lacuna, Sérgio Rodrigues e Humberto Werneck cravam observações coincidentes: ambos acreditam que Brasília ainda não teve o devido prestígio na literatura.

Embora a cidade apareça com destaque na narrativa de alguns escritores, como na premiada obra de João Almino, Rodrigues crê que a singularidade da capital brasileira ainda não foi devidamente aproveitada. “Tenho a impressão de que Brasília, aquele delírio modernista de concreto cercado de favelas por todos os lados, ainda não rendeu, mas tem tudo para render, nas letras, uma obra à altura do seu jeito único”, ressalta o crítico literário.

Rodrigues ainda destaca a pluralidade e a riqueza literária de cada espaço brasileiro. “Não existe um só Rio de Janeiro na literatura, como não existe um só Rio de Janeiro na vida real. Literariamente, toda cidade é uma colcha de retalhos, e o Rio talvez o seja mais do que as outras”, diz. ■

“Tenho a impressão de que Brasília, aquele delírio modernista de concreto cercado de favelas por todos os lados, ainda não rendeu, mas tem tudo para render, nas letras, uma obra à altura do seu jeito único”

# Labirinto partido

A pós-doutora em Letras **Maria Antonieta Pereira** analisa a ruína das cidades latinoamericanas que são problematizadas na ficção de autores argentinos, sobretudo no romance *A cidade ausente*, de Ricardo Piglia

Segundo Ángel Rama, a necessidade de organizar a colonização no continente latinoamericano materializou-se na construção de cidades planejadas, as quais eram símbolo, resultado e reforço de uma concentração máxima de poder. Dessa forma, a sociedade pós-colombiana, diferentemente do mundo europeu, já se inicia num espaço urbano a partir do qual se promove o desenvolvimento das atividades agrárias. Como iniciativa de transculturação europeia, as cidades congregavam vice-reinados, tribunais da inquisição, universidades — toda uma estrutura de poder centralizador e letrado. Construído segundo a geometria de um tabuleiro de damas, esse núcleo urbano reservava sua praça central para os edifícios do poder: a igreja e o governo. Nesse centro do centro, com a

finalidade de ordenar o mundo, atuavam aqueles que sabiam fazer uso da palavra escrita. No interior da cidade planejada havia, portanto, uma cidade letrada que, segundo Rama, compunha o anel protetor do poder, executando suas ordens. Outros anéis, formados por mestiços e

ibéricos pobres, escravos e índios rodeavam esses intelectuais. Organizadas em círculos concêntricos, as cidades se pautavam pela palavra-chave da colonização — a ordem.

No mundo contemporâneo, a função ordenadora da cidade está de-

saparecendo. A agonia do espaço urbano se relaciona com diversos problemas — superpopulação, serviços precários, violência social, colapso dos sistemas de comunicação e transporte, questionamento dos poderes religioso e civil, presença de uma forte cultura da ora-



Ilustração:  
**Rafael Antón**

lidade e da imagem etc. A metrópole constitui uma *pólis* fraturada por cruzamentos ininterruptos de idiomas, imagens e fatos que ameaçam e ressemantizam cotidianamente seu espaço e seu tempo. Essa cidade — cujo modelo de cultura letrada está entrando em colapso — tem perdido sua capacidade ordenadora.

Nesse contexto, o romance *A cidade ausente*, de Ricardo Piglia, desde seu título já indica que seu tema será a perda. Num momento no qual as culturas se cruzam e se destroem mutuamente, a cidade tematizada nesse relato constitui um espaço fragmentado e atópico, habitado por sujeitos incertos. Cidadãos *cyborg* deambulam por avenidas e subterrâneos, como corpos mecânicos que necessitam ansiosamente cruzar espaços, idiomas e algum afeto num tempo esquizofrênico e vazio. As citações excessivas de nomes de províncias, estações de metrô, praças, ruas, ilhas e subsolos compõem o mapa de uma cidade submersa numa avalanche de signos. A memória dos narradores se desloca nessa geografia como se fosse um mecanismo de computador — qualquer toque na tela altera o rastro das lembranças. Nesse romance, as descrições da periferia da cidade ou do pampa também estão sob um olhar urbano que nomeia sem cessar, para tentar reter na memória, a cidade que se esvai e que, paradoxalmente, continua sendo Buenos Aires, metonímia da Argentina.

No romance de Piglia, a cidade monstruosa, devoradora de seus próprios filhos, também é percebida como um corpo feminino ou uma ilha da utopia, especialmente quando é reconstruída como um grande hipertexto pela ficção de seus escritores, herdeiros dos museus literários dos antepassados. Sendo uma cidade invisível, imaginada, esse espaço urbano remete sem cessar a outras obras literárias, numa perspectiva reticular em que um nó da rede

narrativa pode se abrir e dialogar com infinitas histórias. Nesse contexto, é possível perceber alguns interlocutores privilegiados do romance de Piglia, já que a cidade se disfarça no cenário do planeta Orbis Tertius (Borges), na fantasmagórica ilha de Finnegans (Joyce), no laboratório de meias finas de senhoras (Arlt). Contudo, embora retome uma riquíssima tradição literária argentina e europeia, *A cidade ausente* dialoga preferencialmente com o livro *Museo de la novela de la eterna*, de Macedonio Fernández.

Escrito por Macedonio como uma forma de preservar a memória de sua mulher Elena Obieta, morta muito jovem, *Museo* constitui uma obra-prima da literatura argentina na medida em que reinventa a narrativa romanesca, especialmente quando constrói personagens, autores e leitores que dialogam entre si, questionam-se mutuamente e trocam suas funções textuais, numa mesclagem inusitada que profetiza, e de certa forma já realiza, o “romance futuro”. Nesse contexto, metade da narração de *Museo* é dedicada a prólogos, nos quais se discute as inúmeras implicações do literário. Nessa parte do livro, além dos textos dirigidos a seu próprio autor, a críticos, leitores e personagens, há uma saudação do romance ao leitor. Essa voz singular do próprio texto, que coloca em cena uma impossível autonomia em relação a seu autor, causa espanto e maravilha. Como se fosse um ser auto construído, a criatura se separa do criador, fala por si mesma, se expõe ao olhar que a lê e pensa com ele sobre a morte e o esquecimento, sobre a vida e o texto.

Dessa forma, *A cidade ausente* retoma a tortuosa e fantasmagórica forma de narrar do museu macedoniano. Sobre isso, numa entrevista feita com Piglia em julho de 1996, ouvi o seguinte: “Na primeira redação do romance, havia unicamente a história da máquina

como uma invenção de um personagem estranho que se chamava Macedonio Fernández (...) numa segunda redação apareceu a ideia de que essa máquina era uma resposta a uma perda”. Girando em torno de uma máquina de tradução que, ao verter obras do cânone ocidental para a língua espanhola acaba por reescrevê-las, a narrativa de Piglia constrói uma rede de histórias que remetem umas às outras de forma quase infinita. Consideradas como traduções falsas, desordenadas, anárquicas, tais narrativas de fato constituem um amplo hipertexto, articulando-se entre si e desencadeando um processo alucinante de remissões mútuas, de fragmentação/recomposição de dados e eventos. À maneira de Dostoiévski, a máquina de narrar desenvolve um diálogo dos mortos como forma de resistir à desaparecimento de certa tradição cultural, da cidade e de suas histórias. Esse minotauro feminino, prisioneiro do labirinto urbano, ao invés de devorar cidadãos, alimenta-se de histórias antigas que Miguel Mac Kensey — argentino filho de ingleses também conhecido como Júnior — deve decifrar, preservar e divulgar.

Enquanto narrativa reticente e resistente, o relato de Piglia é uma forma replicante e alucinada que a cidade contemporânea encontra para falar de si mesma e de sua agonia. Assim, alguns elementos femininos do mundo atual — a cidade, a máquina, a mulher, a narrativa, a tradição cultural — desdobram-se em monstros-narradores, multiplicidades, seres artificiais, famílias literárias e linguagens isoladas em guetos étnico-políticos. Funcionando como um poderoso instrumento de releitura da tradição literária ocidental e argentina, o romance convida narrativas muito antigas a encetarem diálogos com os relatos de um presente atravessado pela revolução tecnológica da informática. Nesse rumo, uma das metáforas mais significativas do romance é o *nódulo branco* — local

em que os códigos genético e verbal se cruzariam para gerar uma nova obra ficcional. Compostos por lembranças apócrifas, relatos inacabados e fragmentos narrativos, os nódulos brancos da obra se dobram e desdobram em infinitas histórias que se cruzam e se replicam sem cessar, desafiando o esquecimento, a morte e a censura do Estado ditatorial argentino. Nesse cenário, a narrativa retoma fragmentos de relatos do próprio Piglia e os articula num vasto hipertexto, a exemplo do conto “Encontro em Saint-Nazaire” que, no conjunto da obra do autor, funciona como um *nódulo branco* agregador das ideias-chave que, muitos anos depois, seriam retomadas em *A cidade ausente*.

A partir da análise do romance, percebemos que toda a obra do escritor argentino é basicamente hipertextual, formando redes de redes. O próprio romance em questão transforma-se em belíssima ópera, com música de Gandini, a qual é filmada e mais tarde veiculada sob a forma de vídeo.

Como uma Eva futura, a obra de Piglia dissemina o fruto proibido das versões apócrifas e das con-fabulações estético-políticas que permitem o surgimento das histórias silenciadas, dos relatos que foram vencidos nas lutas simbólicas travadas ao longo dos tempos e espaços de constituição do fenômeno literário.

Como o diário de um mundo que agoniza, mas que insiste em respirar ainda que artificialmente, a obra de Ricardo Piglia propõe outra forma de viver e narrar. ■



**Maria Antonieta Pereira** é pós-doutora em Literatura Comparada na Universidade de Buenos Aires e professora aposentada da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Vive em Contagem (MG)

# A MORTE PAGA PASSAGEM

José morreu inesperadamente. Beirando os sessenta, ainda dava no coro. As meninas do Bicho Solto sabiam; ele não perdoava as safadas. De trabalho José não queria saber. A profissão andava em crise, mas ele não via problema. Era escritor. Um escritor maldito. E medíocre, errado não dizer. Apesar do sucesso que fez.

— Vamos, Seu José, há quanto tempo não escreve? — Indagava a mocinha da editora, por telefone, no dia anterior.

— Hum?

— Seus romances eram o máximo, vinte anos atrás. Lembra-se?

— Hum.

— Pois saiba que não nos esquecemos: escreva-nos um conto. A editora lhe tem apreço. Seu José, daqueles geniais, com capricho, sutileza, maestria e...

A guria continuaria a extrapolar nos adjetivos, mas José bateu com o telefone no gancho antes disso.

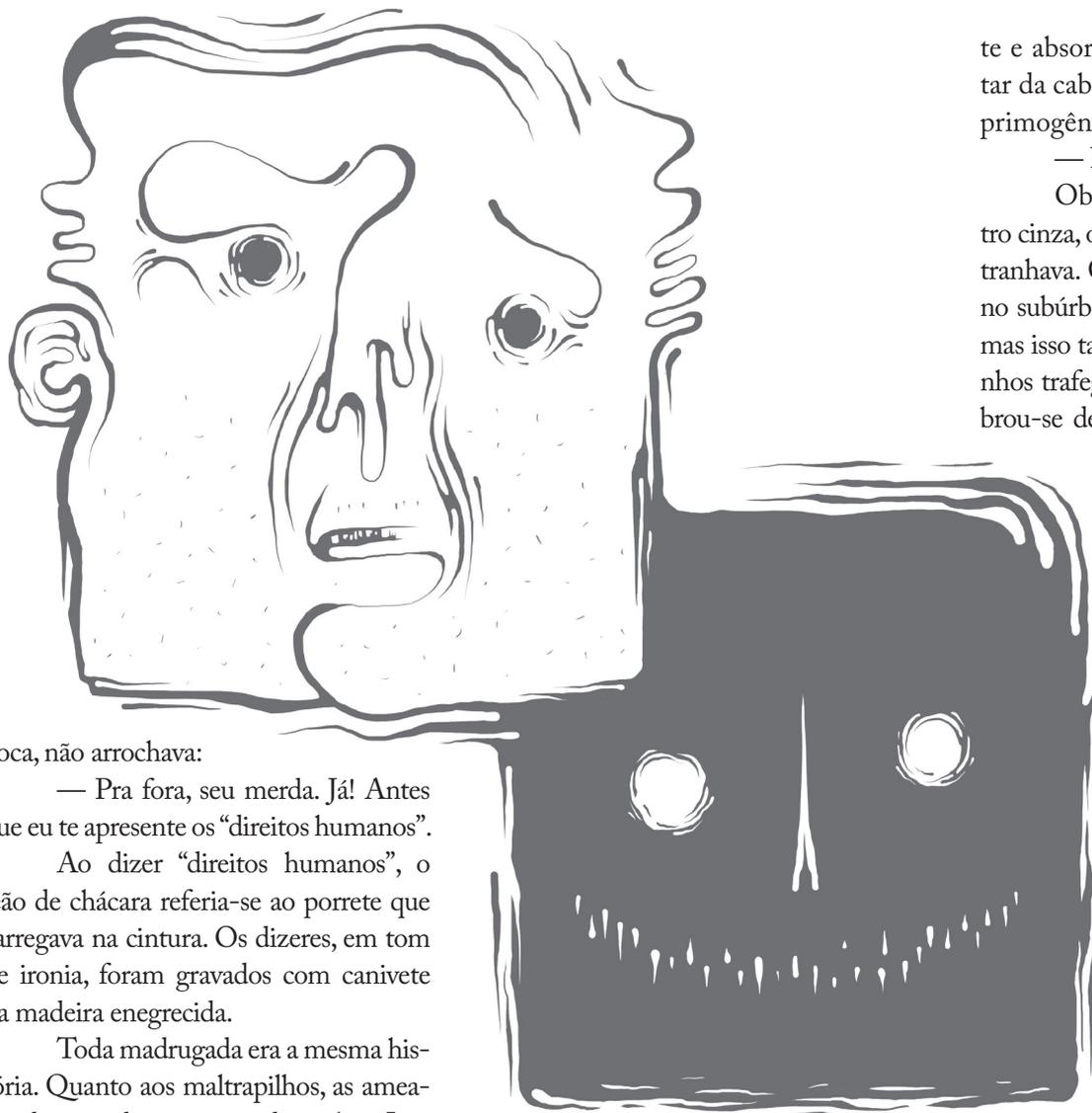
— Não vou escrever conto porra nenhuma — murmurou.

Mergulhou nos sonhos. Noite seguinte teria mais Bicho Solto.

Tarde da noite, José pitava um cigarro de filtro amarelo. Esperava o ônibus que, novamente, estava atrasado. Tinha-se esquecido de editora e do conto. O Terminal Guadalupe deserto. Um ou outro maltrapilho atravessava a João Negrão. A barreira das mantas fétidas arrastando no asfalto. Vagabundos, corriam pras bocadas. Cafofos ao redor do terminal, infestados de putas e viciados. Carregavam esmolinha recolhida no sinaleiro. Moedas que tilintavam perdidas nas mãos de imundos perdidos. O troco de bêbado.

— Ô, meu senhor, arruma um baguinho do bom por um preço honesto — imploravam.

O brutamente, prostrado na porta da



boca, não arrojava:

— Pra fora, seu merda. Já! Antes que eu te apresente os “direitos humanos”.

Ao dizer “direitos humanos”, o leão de chácara referia-se ao porrete que carregava na cintura. Os dizeres, em tom de ironia, foram gravados com canivete na madeira enegrecida.

Toda madrugada era a mesma história. Quanto aos maltrapilhos, as ameaças de porrada e o atraso do ônibus. José estava cansado. Saíra do Bicho Solto arrastando-se. Bêbado. Exausto. José queria o descanso.

— Cacete, que é que estou fazendo aqui? — Pensava alto.

Nem um, nem dois. Ouvira infinitos sermões da filha mais velha:

— Que vergonha, pai. O senhor já não tem idade pra essas coisas... Madrugada na gandaia? Que absurdo é esse?!

José suspirava. Fazia frio na madrugada. Encolhido debaixo do capo-

te e absorto no cigarro procurava afastar da cabeça os discursos moralistas da primogênita.

— Foda-se.

Observava o vazio de gente no centro cinza, oculto sob a penumbra. Não estranhava. Conhecia-o assim. Vazio. Vivia no subúrbio. Diariamente pegava ônibus, mas isso tarde da noite, quando os ligeirinhos trafegavam vazios. De relance, lembrou-se de uma reportagem que lera no

jornal dias antes. “Morte invisível no ligeirinho” era o título. Relatava o óbito de um passageiro que sofrera um infarto fulminante e manteve-se recostado no assento. Parecia dormir. Rodou sobre-se lá quanto tempo, centenas de pessoas sentaram-se ao seu lado. Ninguém percebeu. Apenas no recolhimento do carro descobriu-se o defunto. “Cutuquei e disse: ‘ponto final’. O homem escorregou, deu com a cara no vidro, tombou do banco... Mortinho da silva”, afirmava o motorista. Besteira — pensou José —, enquanto

baforava. Cigarro nos lábios.

Para José, aliás, os habitantes da cidade não formavam nem dois times pra uma pelada. Eram os viciados do Guadalupe, as putas do Bicho Solto e Nelson, o leão de chácara. Ademais, um ou outro familiar e Lena, a empregada atarracada que cuidava da casa desde que José enviuvava. Além deles, só o cobrador dorminhoco da estação-tubo:

— Sabe-se lá o nome desse infeliz... Só dorme, nunca conversa.

Ilustração:  
**Marciel Conrado**

**Renan Machado** nasceu em Ponta Grossa (PR), tem 19 anos e estreou na ficção com *Helena*, livro-conto publicado pela Tulipas Negras Editora em 2012. É colunista da revista *Ideias*, da Travessa dos Editores. Vive em Curitiba.

Pelo menos não reclamava que fumassem dentro da estação. Duas e meia da matina: vinte minutos de atraso: José, impaciente José. Apagou o cigarro.

— Essa hora, nem desculpa de trânsito podem usar... Puta que os pariu — queixava-se o velho, de papo para o ar.

De repente, identificou ao longe o painel luminoso. O nome da linha, em laranja, sacolejava com o ônibus que descia a João Negrão. Cruzava a esquina. Chiamavam alto os freios. Um escândalo. Mesmo o cobrador despertou do sono, tamanha a barulheira.

— Troca essa lona... — Pensou José, tão logo o ônibus encostava.

As rampas tombaram sobre a plataforma. Ar morno escapava do interior do carro. A irritante sinfonia, marca registrada dos ligeirinhos, emanava dos auto-falantes. Um *remix* de clássicos. O volume estava alto.

— Onde já se viu... Se acham que essa desgraça relaxa os passageiros... — Sibilo o velho.

Fora a sinfonia decadente do ônibus e demais implicâncias de José, o interior do ônibus achava-se acolhedor. Aconchegante, tal qual qualquer abrigo daquele frio maldito. E vazio, nenhuma viv'alma, tal qual todos os dias. José adentrou pela porta traseira a tempo de perceber que o motorista saía pela dianteira. Cumprimentava o cobrador: “Opa, bom?”. O cobrador ofereceu-lhe café. Aceitou. Começaram a bater papo.

— Merda de madrugueiro... Além de atrasado, quer cafezinho é? Filho da puta! — Bradou José, baixinho.

Ainda que aquilo deixasse José enfezado, não arrumaria confusão. Estava cansado: obra das gurias do Bicho Solto. Pensou em gritar para o Nelson: apresenta os “direitos humanos” pra esse corno vai... Mas não gritou nada para ninguém. José só pensava em dormir. Beber o chazinho que Lena deixava sobre a cômoda todas as noites e desmaiar na cama. José queria o descanso. Porém, não da maneira que lhe

fora reservado para aquela noite.

O motorista levou uns cinco minutos para voltar ao ônibus. Bebeu dois copinhos de café em parceria com o cobrador sem nome. Falavam alto. Riam como hienas. Apesar da raiva que sentia, José admirava a dupla. Fodidos, uma vida safada. No trampo até essas horas... E bem-humorados. Era coisa pra se tirar o chapéu.

Iriam partir. José sentiu que o motorista soltara o freio. A voz feminina, robótica, anunciou: “Porta fechando”. De súbito, o cobrador bateu na lataria do carro. O motorista viu-o pelo retrovisor: fazia sinal para que esperasse. Outro homem iria embarcar. Vasculhava todo bolso atrás de moedinhas. Tilintavam perdidas. Um fodido das bocadas — pensou José, a princípio. Mas não era maltrapilho: vestes negras, de corte fino.

— Um otário. Esse aí roubaram sem dó — riu-se José.

O homem pagou a passagem. Entrou no ônibus com ar altivo. Era um rapazote. Os calçados produziam um ruído oco no assoalho emborrachado. José escolhera um banco de dois lugares. Preferencial.

— Boa noite — disse, de repente, o jovem.

— O quê? — respondeu José, em tom de desprezo.

— Boa noite ou bom dia, como preferir. Como vai o senhor?

— Vou bem.

José não escondia o semblante desconfiado: será bicha esse guri? — pensava.

— Pois eu também, muito bem... Como o senhor se chama?

— José, meu nome.

— Ah, pois bem. Prazer!

O silêncio reinou incômodo. José decidiu quebrá-lo.

— E o seu guri?

— Tenho muitos. Costumam me chamar de morte.

— Tá brincando, fedelho? É? Sacaneando o velhinho do banco preferencial? Que seja. Quer ver eu te foder?

Apesar do ar ameaçador do velho José, o rapaz não baixou a crista. Sorriu:

— Morte. Seu José, eu sou a Morte.

A expressão de seriedade no rosto do homem em vestes negras estremeceu José.

— Aquela tosse, sabe? — continuou o rapaz, enquanto José tossia — essa mesma, Seu José!

José, choroso José.

— Não chore, meu caro. Seu José, diga-me: há quanto tempo sai de casa apenas para ir àquele puteiro nojento?

— Mais respeito!

— Respeito uma ova! Você é um imprestável. Supermercado, por conta da Lena. Receber no banco: Lena. Pagar no banco... Tudo Lena! Onde está Lena, Seu José? Não está aqui. Há quanto tempo o senhor não descobre sua cidade?

— Moro aqui desde sempre, imbecil, conheço cada pedacinho desse canto.

José, aborrecido José. O velho levava a mão ao peito: braço amortecido.

— Ah, é? Seu José, olhe para a direita. Além desse estacionamento, o que é aquele grande prédio de tijolos?

Pergunta boba:

— Um convento de irmãs, é claro! — exclamou o velho, indicando o edifício com a mão ossuda.

— Errado! Há quarenta anos deixou de ser convento. É um colégio, Seu José, no qual, inclusive, seus dois netos estudam. Da última vez que os viu, era um distante café da tarde dominical. Estava bêbado na ocasião.

O ônibus seguia seu balanço.

— Pois bem, meu animal — continuou o rapazote —, logo à frente, ali, antes dos trilhos. A casinha espremida entre o Mercado Municipal e o viaduto colorido. Lembra-se?

— Claro! Nono's, restaurante caseiro. Eu e a patroa jantávamos no Nono's às vezes. Luz de vela e tudo — riu-se José ao relembrar.

— Muito bem, Seu José, esse é o lugar.

— Memória de elefante.

José, vaidoso José.

— O mesmo Nono's, Seu José, de banheiro espaçoso, no qual trepou com sua cunhada. Tua esposa esperando na mesa!

— Coisas da vida

— Seu José, sua esposa, amor de tua vida.

— Guri ingênuo, pensa que o casamento é um mar de rosas? Você não sabe de nada.

— Não sei e já não importa. Você vai morrer esta noite, José. Olhe para a esquerda — ordenou o homem.

— Rua da Cidadania.

— Não, não. Esta esquerda, meu animal:

— Cemitério.

— Sabemos quem está enterrada aí, Seu José.

— Yoko. *Brazilian Sally*. Amélia da minha roda de samba.

— Vocês sambam nessa cidade? Nem carnaval vocês têm! Quem sambou foi o senhor, Seu José. Dançou. Vai morrer. Descansar na cova da família, lado a lado com sua esposa. Um defunto hipócrita.

— Morte, não!

— Blá-blá, choradeira. Acabou, Seu José. Tenho mais coisa a fazer. Cutuco-o no ponto final.

Tom violeta apontava no *skyline*, sóbrio, visto da torre das Mercês. José, esquecido José. A cidade em silêncio. Fantasmagoras rondavam-na. Os maltrapilhos escondiam-se sob as marquises. Alguns fumavam. As bocadas fechavam, as putas pegavam no sono em lençóis indignos. Nelson, o leão de chácara, baixava a porta de aço. A selva de pedra calada, acordada com o relógio em tique-taque na hora certa de começar um novo dia. Pregões e corre-corre. Cada um por si: tal *western* ao sul do céu.

— Alô? Isso, esse é o número do ônibus. Sim, no recolhe. É um velho, acho que foi coração... Nem vale mandar a ambulância. Tá mortinho da silva. ■

Fotos: Kraw Penas



# André Carneiro, o peregrino das dimensões simbólicas

O escritor **Luiz Bras** entrevista o romancista e poeta André Carneiro, um dos precursores da literatura de ficção científica no Brasil e que, há mais de uma década, está radicado em Curitiba

**O**s recém-nascidos são na verdade viajantes interdimensionais. É o que afirmam certas doutrinas místicas. Se verdadeiras ou falsas, não importa. Na obra multidimensional de André Carneiro elas fazem bastante sentido. André desembarcou neste planeta há noventa anos. Mais precisamente em 9 de maio de 1922. Veio em missão de paz. Desembarcou em Atibaia, no interior paulista, morou muitos anos em São Paulo e vive em Curitiba desde 1999.

Como ocorre com todos os artistas e escritores deste mundo, o que mais fascinou o jovem visitante de outra dimensão, logo que aqui chegou, foi o drama humano. Para melhor entender

esse drama, André rapidamente começou a escrever, fotografar, pintar e filmar, virando do avesso todas as pessoas que encontrava pela frente. A matéria-prima de sua arte e de sua literatura é o ser humano em estado sólido, líquido, gasoso e simbólico.

“André Carneiro, antes de tudo, é um poeta”, escreveu o jornalista Dorva Rezende no prefácio da coletânea *Confissões do inexplicável*, livro de Carneiro de 2007. A substância poética, sempre radioativa, contamina todo o trabalho criativo de André, em prosa, verso ou imagem. *Ângulo e face* (1949), seu livro de estreia, é uma reunião de poemas sinuosos e comoventes, numa palavra: transfiguradores. Em seguida vieram

*Diário da nave perdida* (1963), de contos, e *Espaço pleno* (1963), novamente de poemas, elogiado por Sérgio Milliet e Wilson Martins, entre outros.

Os últimos cem anos foram tão fabulosos, que às vezes é difícil acreditar que realmente existiram. No começo do século XX não havia o plástico, a televisão, o avião, o antibiótico... No final do século, duas dúzias de pessoas já haviam visitado a lua. Por um lado, a arte e a literatura de André Carneiro examinam o presente e o futuro, mas, por outro, são uma tentativa de provar que os últimos cem anos não foram um sonho louco. Eles realmente existiram. Se não existiram, precisam ser inventados, e André já inventou uma boa parte.

Nem mesmo a acentuada dificuldade de visão impede André de ler e escrever cada vez melhor, provando que a visão interior, mental, é muito mais potente do que a meramente orgânica.

**Ao longo de sua vida criativa, você se expressou por meio da poesia, da prosa, da fotografia, da pintura, da colagem e do cinema. Sabendo que as artes visuais e a literatura estimulam nossa sensibilidade de modos diferentes, você procurou criar conexões entre elas? Ou preferiu trabalhar com as particularidades de cada meio de expressão?**

A sensibilidade e a visão crítica do entrevistador podem mostrar um retrato representativo do entrevistado. Quando criei as obras de arte e de literatura aqui citadas, sempre vivi a emoção por elas provocada. No momento da criação, não havia relação com quaisquer de minhas outras realizações. Entretanto, escrevendo tantos roteiros de cinema, senti a aparência de processos entre a descrição das imagens de cinema e as dos contos. Um bom crítico ajuda o autor a desvendar os processos da sua criação. Admito que sua proposição é correta, todas as

minhas atividades têm um inegável parentesco intrínseco entre elas.

**Sabemos que o vínculo afetivo entre o criador e sua obra é algo capaz de resistir a qualquer tentativa de autoanálise fria e objetiva. Mas, se você fosse convidado a fazer um balanço, o mais imparcial possível, de sua longa produção criativa, quais obras você salvaria e quais descartaria?**

Terrível pergunta que nunca me fizeram. Cheguei a sentir-me com duas asas e dois olhos de coruja, pensando: todos os meus filhos são tão bonitos... De toda a minha obra publicada, não sou capaz de separar uma que eu rejeite. Mesmo os contos antigos, publicados no meu jornal literário *Tentativa*, leio hoje com surpresa e nenhuma resistência crítica. Confio essa tarefa aos críticos.

**Você sobreviveu a duas ditaduras: a de Getúlio Vargas, na época do jornal *Tentativa*, e a dos militares que derubaram o governo de João Goulart. Então, em 1985, a opressão e a censura foram substituídas pela liberdade e pela corrupção: Fernando Collor de Mello, escândalo dos anões do orçamento, escândalo do mensalão, caso Renan Calheiros, escândalo dos Correios, etc. A espécie humana ainda tem jeito ou é um caso perdido?**

Todas as vezes que a espécie humana me causou grandes decepções, sempre me consolei com a máquina do tempo: se olharmos a História em uma visão panorâmica, é inevitável descobriremos que agora, com todas as imperfeições do mundo contemporâneo, podemos encontrar nítidas melhoras. A horrenda escravidão explícita de um ser humano, imposta por outro, está eliminada oficialmente. As leis trabalhistas em todo o mundo têm sido paulatinamente melhoradas. Eu ainda acredito no ser

humano. Acredito até que a ciência chegará ao ponto de uma mutação que nos garanta um DNA mais favorecido.

**No final do ano passado, numa votação informal promovida pelo blog *Cobra Norato*, seu conto “A escuridão”, de 1963, foi eleito o melhor conto brasileiro de ficção científica. Na opinião dos leitores que conhecem bem a literatura brasileira, “A escuridão” merecia figurar em qualquer antologia do tipo *Os cem melhores contos brasileiros do século 20*, organizada por Ítalo Moriconi. Em sua opinião, o que está faltando para que nosso *establishment* perca o notório preconceito contra a ficção científica?**

Agradeço pela sua colocação. Aliás, talvez uma publicação com o mesmo peso, a maior editora do mundo, a G.P. Putnam's Sons, em 1973 publicou uma antologia dos melhores contos mundiais daquele ano e o único representante brasileiro foi o meu “A escuridão”, traduzido para o inglês por Leo Barrow. É doloroso admitir, mas o *establishment* brasileiro segue o mesmo rumo das estatísticas da nossa ignorância literária em geral. Talvez por isso Fernando Henrique Cardoso tenha dito que somos um país caipira. Acrescente-se o tolo preconceito contra o gênero ficção científica, que os mal informados julgam pelos filmes B e pelas histórias em quadrinhos americanas, que o banalizam utilizando apenas temas como alienígenas, monstros e super-heróis.

**O desejo e o erotismo são a matriz de suas principais obras literárias. Estou pensando nos romances *Piscina livre* (1980) e *Amorquia* (1991), e na maioria dos contos de *A máquina de Hyerônimus* (1997), por exemplo. Em sua opinião, a chave de nossa transcendência não está na razão cartesiana, mas nos**

**delírios do corpo sensível?**

Todos os delírios do erotismo e do corpo sensível, como você poeticamente afirmou, exigiriam um livro que fosse metade do entrevistador, metade do entrevistado. Nelson Rodrigues captou bem esse clima na sua dramaturgia. A mistura complexa das nossas etnias formadoras seria um ponto de partida. Sempre me impressionou nos Estados Unidos a diferença entre uma alegria ao estilo carioca, dos negros americanos quando reunidos em qualquer situação, contrastando com a sisudez dos brancos americanos, embora menos aguda que a dos britânicos.

**Nelson Rodrigues é um dos seus dramaturgos prediletos? Qual a sua relação com o teatro? Você nunca se interessou em escrever também para o palco?**

Gosto muito de Nelson Rodrigues como retratista da realidade brasileira. Porém, prefiro peças mais arrojadas, como as de Arrabal, Sartre e Brecht. Escrevi uma vez uma peça que infelizmente não foi encenada. Chamava-se *Azarada*. A companhia que ia levá-la ao palco se dissolveu antes da estreia. E foi só essa experiência.

**Muitos de seus personagens são publicitários ou ex-publicitários irritados com a profissão. Igual a outros escritores importantes, como Jamil Senege e Sebastião Nunes, você também trabalhou em agência de publicidade. Uns dizem que a publicidade também pode ser arte, outros dizem que isso é uma grande besteira...**

Acho impossível um bom publicitário que ignore a arte. É elogiável quando um comercial tem qualidades artísticas. Uma boa publicidade pode ser artística. É pena que nem sempre o produto tem as mesmas qualidades do anúncio.

É pena também quando um bom artista gasta sua criatividade só na publicidade.

**Outro de seus contos muito apreciado no Brasil e no exterior é “O homem que hipnotizava”, também de 1963, sobre um sujeito que aperfeiçoa a própria realidade por meio da auto-hipnose. Sobre esse assunto, a hipnose, você publicou dois livros teóricos. Em que circunstância aconteceu seu encontro com essa técnica de indução psicológica?**

O primeiro livro, *O mundo misterioso do hipnotismo*, foi publicado em 1963; o segundo, *Manual de hipnose*, em 1978. Descobertas e novidades científicas sempre me fascinaram. A hipnose era algo revolucionário, mas pouco estudado no mundo e muito menos no Brasil. Comprei livros estrangeiros e cuidadosamente tentei com amigos algumas experiências de indução hipnótica. O sucesso que consegui rapidamente me impressionou e me motivou a seguir mais adiante. Naquele tempo eu estava mergulhado no estudo da psicologia e da psicanálise, e foi inevitável que eu utilizasse técnicas hipnóticas em alguns pacientes. À medida que minhas experiências avançavam em profundidade, eu me espantava que o assunto fosse ainda ignorado pela medicina brasileira. Escrevi os dois livros e posso dizer, através de uma só citação, que foram um grande sucesso. Carol Sonenreich, o grande cientista radicado no Brasil, classificou meus livros como os melhores até então publicados sobre o assunto. Acredito que pelo fato de eu ser escritor, minhas explicações técnicas são melhor absorvidas pelos leitores em meus contos. Tenho em meus arquivos um caso de processo criminal em que um indivíduo casado foi indiciado por ter usado a hipnose numa divisão de herança.

Observei que, na literatura universal, a hipnose era explorada de maneira amadora, sem conhecimento científico. Me inspirou o fato de que a hipnose já estava sendo usada criminalmente na realidade, e usei então essa sugestão em textos ficcionais.

**Amigos brincam que você é uma espécie de Leonardo da Vinci brasileiro. Além da produção artística e literária, seu apartamento está cheio de invenções, objetos e esculturas feitos de sucata...**

A pintura modernista foi para mim uma grande fascinação. De Chirico, Picasso, Pollock, não importa se abstratos ou concretos, todos que revolucionaram a visão do espectador, mostrando um mundo inventado pelo artista, me influenciaram. O uso do objeto tridimensional me permitia então experiências dentro da minha relatividade monetária. Comecei a explorar ferros-velhos por toda São Paulo, e quando visitei Manhattan foi como se descobrisse Shangri-la, nunca vi lixos tão ricos em toda espécie de objetos interessantes. Como herdei de meu pai uma loja de ferragens, sou até hoje um perito cortador de vidros usando diamante. Criei o que chamei de *quadros dinâmicos*, com diversos compartimentos de vidros com líquidos de cores variadas, além de mercúrio e outros materiais. Manuseado pelo espectador, podem-se formar milhares de combinações plásticas. Pesquisei também na escultura com materiais que, solidificados, pareciam cristais. E, em Murano, até no chão resgatei pedaços de cristais de cores variadas que fazem parte de esculturas minhas. Como sou muito jovem, ainda tenho intenção de dar vida a diversas criações.

**E o que nos diz sobre as oficinas de criação literária? Você coordenou vá-**



**rias, numa época em que não havia muitas. Agora há centenas. Que benefícios uma atividade como essa costuma trazer aos participantes?**

Tenho a impressão que a minha oficina, iniciada com algumas outras na casa que foi do Mário de Andrade, foi uma das primeiras em São Paulo. Durante anos essas oficinas funcionaram com grande sucesso e eu fico espantado como uma realização tão pródiga na ampliação da nossa cultura não tenha sido ampliada ainda mais. Em Curitiba, coordeno uma oficina há muitos anos, eficientemente secretariada pelo escritor Mustafá Ali Kanso. A palavra *oficina* é extraordinariamente adequada a esta forma de cultura direta e prática. Contos ou poemas elaborados pelos oficinandos (não

chamo de alunos, pois muitos já têm livros publicados) são analisados de um ponto de vista construtivo, com um toque final dado por mim. A crítica coletiva possibilita uma visão magnífica sobre o trabalho e infunde um conhecimento prático da técnica literária com mais eficiência do que qualquer outro método. Espero que continuem ampliando essa prática para que novos e excelentes autores surjam dessa iniciativa.

**Antônio Abujamra, do programa *Provocações* (TV Cultura), termina seu programa de um jeito que eu gosto: ele olha para o entrevistado e diz: “Qual pergunta importante, na sua opinião, ficou faltando eu fazer?” No seu caso, André, qual pergunta ficou**

**faltando eu fazer? Algo que você sempre julgou importante, mas nenhum entrevistador pensou em perguntar.**

Nenhuma. Você é um ótimo psicanalista, suas perguntas são aquelas que induzem à confissão das nossas verdades. Você foi gentil não pedindo detalhes do golpe militar. Eu não posso falar mesmo dele, perco a calma porque o assunto é sempre triste. Ainda bem que entre altos e baixos a nossa democracia tem melhorado visivelmente. ■

**Luiz Bras** é escritor e coordenador de oficinas de criação literária. Também é doutor em Letras pela USP e autor do romance *Sozinho no deserto extremo*, entre outros livros. Vive em São Paulo (SP).

MAKING OF

# Erotismo Fundamental

Proibido na Inglaterra por mais de 30 anos, *O amante de lady Chatterley* é um manifesto do escritor D.H. Lawrence contra a automatização do homem e a favor do sexo (com amor) como elemento decisivo para uma vida mais autêntica

OMAR GODOY

Alguém já disse que o best-seller *50 tons de cinza* (2011) é o equivalente contemporâneo de *O amante de lady Chatterley* (1928). Nada mais equivocado. Ambos são carregados de erotismo e privilegiam personagens femininas — mas as semelhanças não vão muito além disso. Mais do que um livro que tem o sexo como assunto central, o último romance do escritor inglês D.H. Lawrence (1885-1930) é um verdadeiro grito contra a guerra e a automatização do ser humano, além de representar um importante passo na luta pela liberdade de expressão.

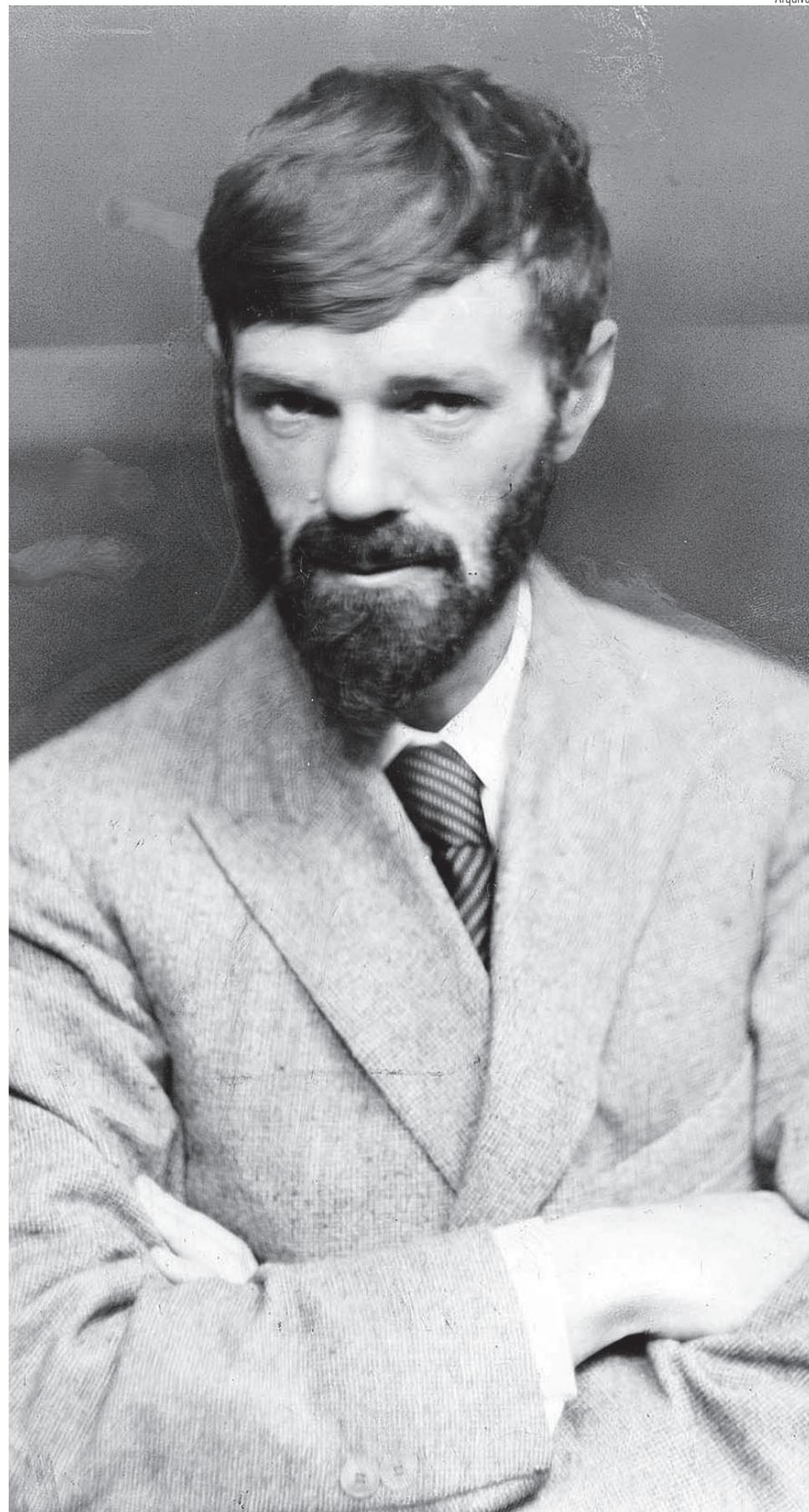
Publicado originalmente na Itália, o livro permaneceu proibido na Inglaterra por 32 anos. O motivo? Em

suas páginas, sobram descrições minuciosas das relações sexuais entre a esposa de um aristocrata e o guarda-caças de sua propriedade (temperadas com um arsenal de palavras então consideradas chulas pelo puritanismo vigente). A liberação só aconteceu em 1960, após um julgamento histórico e altamente emblemático em que a editora Penguin foi absolvida da acusação de obscenidade.

*O amante de lady Chatterley*, no entanto, não foi a primeira incursão de David Herbert Richards Lawrence pela temática da sexualidade. Revelado no meio literário com seu terceiro romance — o quase autobiográfico *Filhos e amantes* (1913), em que narra o cotidiano de uma comunidade de mineiros (profissão de seu pai) —, ele chocou a sociedade britânica pela primeira vez ao lançar seu trabalho seguinte, *O arco-íris* (1915).

O livro, que acompanha três gerações de uma família de fazendeiros do interior da Inglaterra, foi considerado “nauseabundo” por um tribunal e retirado do mercado. Não há sequer um palavrão em toda a obra, mas o mergulho do autor nos desejos sexuais femininos incomodou os censores atentos. Situação que se repetiu com *Mulheres apaixonadas* (1920), sobre duas irmãs, digamos, moderninhas demais para a época.

Neste último caso, a retaliação veio de imediato. Os originais foram recusados pelos editores londrinos e publicados apenas cinco anos depois nos Estados Unidos. Já “carimbado” com a pecha de escritor subversivo e provo-



Arquivo

D.H. Lawrence, autor de *O amante de lady Chatterley*, livro que ficou proibido na Inglaterra por 32 anos.

gador, Lawrence deixou a Inglaterra e viajou mundo afora com sua mulher, a aristocrata alemã Frieda von Richthofen. Passaram por praticamente todos os continentes e chegaram a morar na Austrália, Sri Lanka e até no México.

Outros três romances foram produzidos durante esse percurso. Mas nenhum deles fez sombra a *O amante de lady Chatterley*, concluído quando o casal já havia voltado à Europa e se fixado na cidade italiana de Florença. Escrito entre as duas Guerras Mundiais, a obra é o manifesto definitivo do autor contra a violência que o homem é capaz de praticar contra seu semelhante e a favor do sexo (com amor) como elemento fundamental para uma vida mais espontânea e autêntica.

Aqui, o foco é Constance Chatterley, uma filha da aristocracia casada com o também nobre Clifford, um veterano da Primeira Guerra Mundial. Ferido durante o combate, ele fica paralisado da cintura para baixo e retorna para casa numa cadeira de rodas. Mais do que isso: abalado pela experiência, o ex-militar se torna distante e indiferente às carências (sexuais e afetivas) da mulher.

Isolada na propriedade da família, Constance acaba se envolvendo com Oliver Mellors, funcionário dos Chatterley que também lutou na guerra e vive sozinho numa cabana. Dono uma masculinidade quase rude, porém sensível no trato com a amante, Oliver é o oposto do frágil e arrogante Clifford. A partir desse triângulo, Lawrence constrói seu romance derradeiro, pontuado por cenas de alto teor erótico e críticas às convenções sociais.

Bancado pelo próprio autor, que também desenhou a fênix que aparece na capa da primeira edição, o livro teve sua carreira comercial prejudicada logo na largada. E não só por causa da proibição imposta pelos setores conservadores da sociedade. Edições pira-

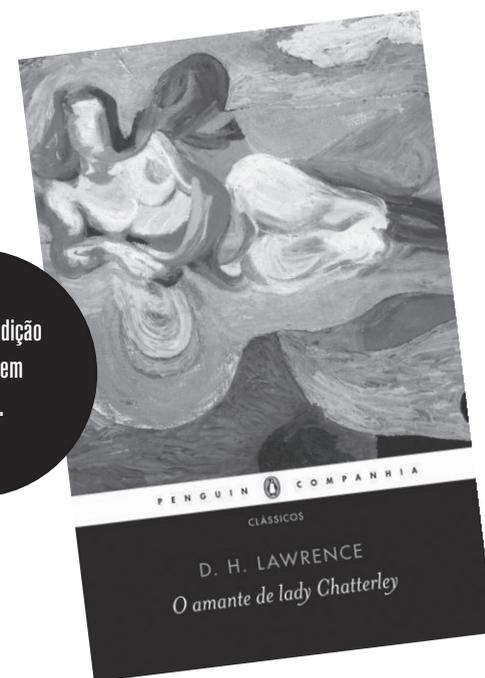
tas rapidamente começaram a pipocar em vários países (inclusive nos EUA), fazendo com que ele recebesse muito pouco, ou quase nada, por sua obra. Lawrence, que sofria de tuberculose há muito tempo, morreu em Vence, na França, aos 44 anos.

Em 2011, a Penguin-Companhia das Letras colocou no mercado uma nova edição de *O amante de lady Chatterley*, a mais completa já publicada no Brasil. O livro conta com tradução de Sergio Flaksman, introdução de Doris Lessing (vencedora do Nobel de Literatura), notas explicativas e um apêndice sobre a região inglesa onde a história é ambientada. Há, ainda, um artigo em que o próprio autor trata da polêmica em torno da obra e explica os motivos que o levaram a abordar temas tão controversos.

“Quero que homens e mulheres sejam capazes de pensar o sexo de maneira total, integrada, honesta e limpa. Mesmo que não consigamos agir sexualmente de maneira totalmente satisfatória, devemos pelo menos pensar sexualmente de maneira integrada e limpa. (...) Anos pensando honestamente sobre o sexo e anos aplicados à atuação sexual nos trazem finalmente aonde queremos chegar, à nossa verdadeira e realizada castidade, à nossa completude, ao ponto em que nossa ação sexual e nosso pensamento sexual entram em harmonia e um não interfere no outro”, diz Lawrence, no texto intitulado “A propósito de Lady Chatterley”.

Qualidades literárias à parte, é pouco provável que E.L. James, autora de *50 tons de cinza*, seja tão lúcida com relação ao seu trabalho. ■

Mais recente edição do romance em português.



A fênix que Lawrence desenhava na capa de seus livros.

# OS (M)EUS TOLOS ARGUMENTOS

Lembro muito bem da primeira vez que tomei o meu *primeiro* copo de água ardente. Foi uma experiência marcante — daquelas que recordo, foi a mais —, já que não me lembro como foi quando nasci. Alguém havia largado aquele pequeno copo, que parecia conter apenas água, ao lado de minha lancheira e de minha chupeta. Eu não ia pra aula sem elas. Bateu lá no fundo e fez eco, e um mundo novo então brotou em meu pátio; eu estava descalço e dava passos de tango esperando o almoço ou o moço que me levaria à escola. Na verdade, essas são lembranças confusas, não me recordo com exatidão, acho que também recalquei. (Enquanto isso) “Garçom, mais uma dose, é claro que eu tô afim.”

Aquele copo me abraçou como um polvo, como um urso, como uma mãe que sente saudades demais ou talvez como a morte abraçaria Dóris sob o varal.

Eu e aquela água fomos cúmplices de alegrias, brigas e fiascos. “Lembra daquela vez que te encontrei de baixo da cama?”. Ela nunca respondia, sempre foi fiel ao meu estranho gosto pelo silêncio.

Andávamos lado a lado. Eu dava dois passos na lua, ela me esperava no bar da esquina, e isso era o máximo da fidelidade. E, ao nos separarmos, eu a deixava nas privadas ou em postes solitários e ela me deixava louco. Como explicar tal paixão? Eu não merecia tanto, era demais para mim, foi então que decidi que era necessário sofrer. Com o advento da hipocondria, tudo ficou menos complicado, pude me sentir o pior, mesmo estando bem.

Assim é mais fácil entender o peso de minhas cadeias. Então eu estava pronto e bêbado, e o olhar de Dóris pode ser o tiro mais certo que me atingiu e que me fez bem, e que me fez mal. Esse é o grande segredo: o que faz bem também faz mal, não há saída. Algo faz falta, e eu não posso me enrolar (ou enrolar



Ilustração:  
**Alexandre Zampier**

vocês) em mil cores como os pirulitos perfeitos daqueles desenhos animados de antigamente. Deixemos pra lá e com gritos de viva! Brindemos aos meus mais tolos argumentos. Depois é só esquecer. Não há como explicar, não é preciso nem entender.

Rua sem saída! Eu pensava em tudo, menos em estar ali. Deitado na rede, rente à janela, eu fitava os passantes, tremendo de medo. Eu tinha muito medo. A loucura de Dóris não era mais tão estranha, na verdade se tornara algo bem familiar, e Linda, coberta de cuidados, parecia uma boneca. Então eu colocava meus óculos escuros e ficava de olho. Tomava um chá amargo, que me fazia bem e mal, e depois de alguns minutos, ficava apavorado. Havia naquela vizinhança uma nota promissória que me perseguia. Cada vez que ela virava a esquina, eu pulava para dentro da casa, mas não era só isso. Só de vê-la, a angústia interditava o meu peito e de imediato me vinham à mente as contas atrasadas: água, telefone, luz e gás.

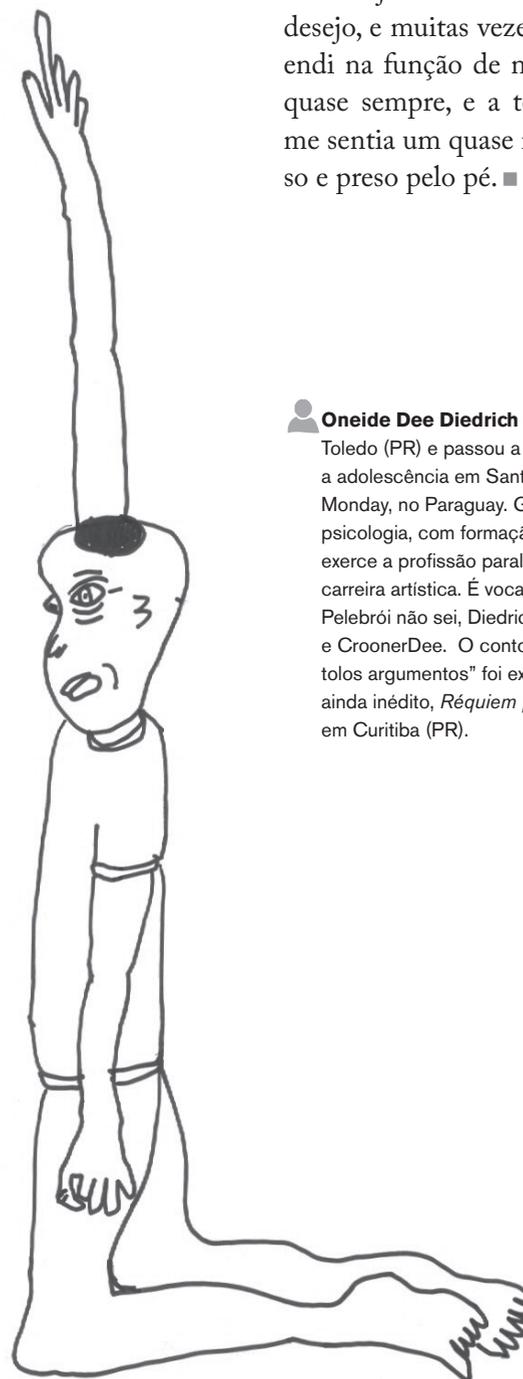
Lembro-me de uma vez em que Dóris me chamou de poeta, eu nunca havia levado aquilo a sério, mas tamanha era a angústia, que pensei em acreditar e escrever. Quem sabe as letras em associação livre me levassem para um outro lugar. Um país colorido, edênico e distante. Mas não, eu fiquei ali aos pés da torre de Babel, falando sozinho pelos cotovelos. Pensei então que deitado na rede seria impossível prevenir-me daquela nota desafinada e promissória. A solução seria morar no último andar de um prédio muito alto de onde eu pudesse ver a Cruz Machado terminar seu calvário na Tiradentes. Aí eu escreveria um poeminha para o meu lindo lar. Se eu tivesse anotado o poeminha seria assim:

Curitiba do alto

Eu tenho flores  
Um lindo quarto  
Vejo do alto  
A Curitiba  
Dona Tereza  
Limpa a sala  
Que é tão bela  
Mas não é dela  
E sobre a mesa  
Contas esperam  
Que o meu saldo  
Volte ao zero

Não anotei o verso, o que me deixou ainda mais apavorado. Notei que eu não tinha a menor ideia de como assinar tão singela obra poética. Sempre estive perdido a esse respeito, não sabia me localizar na história de Dóris, já que em alguns momentos da saga, eu era simplesmente “aquele que”. Em outros trechos me propus a ser o objeto de seu olhar e de seu desejo, e muitas vezes me surpreendi na função de narrador. Mas quase sempre, e a todo instante, me sentia um quase nada, medroso e preso pelo pé. ■

 **Oneide Dee Diedrich** nasceu em Toledo (PR) e passou a infância e a adolescência em Santa Rosa Del Monday, no Paraguay. Graduado em psicologia, com formação em psicanálise, exerce a profissão paralelamente à carreira artística. É vocalista das bandas Pelebrói não sei, Diedrich & Os Marlenes e CroonerDee. O conto “Os (M)eus tolos argumentos” foi extraído do livro, ainda inédito, *Réquiem para Dóris*. Vive em Curitiba (PR).



# BPP reforma espaço para o público infantojuvenil

A Seção recebeu pintura, plotagem de desenhos nas paredes, novo mobiliário, tapete e palco para o espaço da Hora do Conto

DA REDAÇÃO

Com a presença de 200 pessoas, foi inaugurada, no dia 23 de outubro, a Seção Infantil da Biblioteca Pública do Paraná (BPP). “A reforma da Infantil faz parte de um projeto de revitalização completa do prédio”, afirmou, durante a solenidade, o diretor da BPP, Rogério Pereira. A Seção recebeu pintura, plotagem de desenhos nas paredes, novo mobiliário, tapete e palco para o espaço da Hora do Conto, onde diariamente são realizadas contações de histórias, além de repaginação do telecentro infantil.

A reforma foi realizada com apoio do Grupo Dom Bosco. “Estamos sempre dispostos a contribuir com a comunidade, em especial, no que diz respeito à cultura. Ao investirmos na reforma da Seção Infantil, sonhamos tirar crianças das ruas e levá-las para dentro da BPP”, afirmou o diretor-geral do grupo, Durval Antunes Filho. Vinte e nove alunos de primeira à quinta série do Dom Bosco participaram da cerimônia, além de outros 27 alunos da quarta série da Escola Municipal Paranaíba, de Curitiba. A diretora-geral da Se-



Fotos: Kraw Penas

O diretor da Biblioteca Pública do Paraná, Rogério Pereira, afirma que a revitalização da Seção Infantil faz parte de um projeto que prevê a reforma total do prédio.



Sempre aos sábados: Vitor Stolf Packer não troca a Seção Infantil por nada. Ele joga xadrez, lê, empresta livros e, acima de tudo, amplia os seus horizontes.

cretaria de Estado da Cultura do Paraná (Seec), Valéria Marques Teixeira, representou o secretário da Cultura do Paraná, Paulino Viapiana, na solenidade. O even-

to marcou a abertura da Semana Nacional do Livro e da Biblioteca, que contou com uma programação de palestras, bate-papos e oficinas.

## Ponte para a leitura

A Seção foi criada em 19 de dezembro de 1954, inicialmente denominada Divisão Infantojuvenil e Educação. Em 1972, passou a ser chamada Infantil, atualmente vinculada à Divisão de Coleções Especiais (DCE). Com acervo de 27 mil volumes, o que representa 8,5 mil títulos, o espaço recebe diariamente, de segunda à sábado, 60 crianças no período da manhã e outras 60 à tarde. Há visitas agendadas de escolas das redes de ensino público e privado, incluindo visita espontânea.

Além do atendimento e da realização de oficinas e outras atividades, a Seção Infantil também está à frente de três projetos mensais: “Aventuras Teatrais”, “Aventuras Literárias” e “Aventuras Musicais”. “São atividades que, seja por meio da música ou do teatro, têm a finalidade de despertar no público o interesse pelo livro e pela leitura”, afirma a chefe da Divisão de Coleções Especiais (DCE), Lidiamara Gross.

## Efeito dos livros

Desde 2009, Vitor Stolf Packer frequenta — sobretudo nas manhãs dos sábados — a Seção Infantil da BPP. Ele joga xadrez, acompanha contação de histórias, lê e empresta livros. A mãe dele, a pedagoga Déborah Packer, conta que Vitor tem rendimento escolar acima da média no Colégio Nossa Senhora da Assunção, no bairro Guabirota, na capital paranaense. “Quero ser cientista”, diz Vitor, a respeito do futuro que, para ele, está necessariamente relacionado ao hábito de ler. ■



## CADA MALACO NO SEU MALHO [5554]

É vario o vicio: em pinga ha quem se affogue.  
Rockeiro que se preza ama a maconha.  
Não passa um bom pornographo sem bronha.  
Absintho deixa um bardo meio grogue.

Ainda nos cavallos ha quem jogue.  
Nos bichos quem aposta sempre sonha.  
Nenhum anarcho achei que não se opponha.  
Um hacker tem perfil falso e tem blogue.

Não joga dominó quem joga dado.  
“Teenager”, nos taes “games”, ninguem batte.  
Não sabe ser masoca quem é sado.

Chocolatras adoram chocolate  
e, claro, no soneto é viciado  
o cego que, na insomnia, virou vate.

 **Glauco Mattoso** é poeta e escritor. É autor, entre outros, de *Tripé de tripúdio e outros contos hediondos*, que traz 25 histórias breves inspiradas em seus próprios sonetos. Vive em São Paulo (SP).

## RETRATO DE UM ARTISTA WILLIAM FAULKNER

## WILLIAM FAULKNER

Por Léo Gibran

William Faulkner nasceu em New Albany, Mississippi (EUA), em 1897, em uma família tradicional e financeiramente decadente. A partir de 1919, deu início a suas atividades como escritor. Publicou seu primeiro romance, *Soldier's pay*, em 1926, e com a publicação de *O som e a fúria* (1929), iniciou a fase mais consagrada de sua carreira, que culminou com o grande sucesso de *Palmeiras selvagens* (1939). Em 1949, recebeu o Prêmio Nobel de Literatura. Durante as décadas de 1940 e 1950, além de publicar contos, novelas e romances, escreveu roteiros para Hollywood e colaborou com o Departamento de Estado na difusão da cultura norte-americana, visitando vários países como palestrante, inclusive o Brasil, em 1954. Faulkner morreu de enfarte, aos 64 anos, em 1962.

 **Léo Gibran** é ilustrador.  
Vive em São Paulo (SP).

